



FUNDAÇÃO  
Perseu Abramo  
Partido dos Trabalhadores

Centro  
Sérgio  
Buarque  
de Holanda  
de Documentação e  
História Política



**FLÁVIO JORGE: ESCRITOS DE MILITÂNCIA  
NO PARTIDO DOS TRABALHADORES**



## Sumário

a) OS NEGROS NO PT: ORGANIZAR E TRANSFORMAR .....	5
b) OS NEGROS E O I CONGRESSO: TEMOS QUE FAZER NOSSA PARTE .....	9
c) LOS ANGELES, OH! .....	11
d) FAÇA A COISA CERTA! O COMBATE AO RACISMO EM MOVIMENTO, APRESENTAÇÃO.....	14
e) VALEU, ZUMBI!.....	19
f) TENHO VERGONHA DE SER FRANCÊS .....	21
h) O FUTURO DO POVO NEGRO! .....	25
i) APARENTEMENTE UM CENÁRIO ADVERSO .....	27
j) AMPLIAR A CONSCIÊNCIA NEGRA! .....	29
k) II ENEN - ENCONTRO NACIONAL DE ENTIDADES NEGRAS.....	32
l) HISTÓRIA DE LUTA E DA MILITÂNCIA NEGRA .....	35
m) FORTALECER OS SETORIAIS.....	40
n) NOVOS ATORES E ATRIZES: A JUVENTUDE NEGRA DO PT .....	43
o) RAÇA, CLASSE E GÊNERO: CONHEÇA A REVISTA DA CONEN .....	47



FUNDAÇÃO

Perseu Abramo

Partido dos Trabalhadores

Centro  
**Sérgio  
Buarque  
de Holanda**  
de Documentação e  
História Política

## APRESENTAÇÃO

*Bruno de Oliveira Santos  
Laura Finesso Chalegre  
Luís Henrique Toledo Nunes  
Suzi Alves  
Vanessa Nadotti*

O Centro Sérgio Buarque de Holanda - Documentação e Memória Política, da Fundação Perseu Abramo (CSBH), tem a satisfação de apresentar ao público o Dossiê **Flávio Jorge: escritos de militância no Partido dos Trabalhadores**. Todos os textos são de autoria de Flávio, e foram pesquisados nos jornais de circulação nacional do PT presentes em nosso acervo, dentre eles, *Boletim Nacional do PT*, *PT Notícias*, *Brasil Agora*, *Teoria e Debate*, *Linha Direta*. Além dos jornais, foram consultadas outras revistas e publicações tais como *Êa*, *Juventude: Juventude Negra do PT em Movimento*. Salientamos que os textos aqui reunidos não é uma coleta extensiva. Figura como uma pequena parte de sua importante produção, que, sem dúvida, é mais vasta e plural.

A contribuição e participação na vida política e social do país realizada por Flávio Jorge é vasta. Suas análises e ação direta pela criação de políticas públicas, direcionamentos e posicionamentos políticos na luta pela igualdade racial é imensurável. Imprimiu novas formas de luta num país que em pleno século XX desconhecia políticas pela igualdade racial. Flávio Jorge foi um dos militantes fundamentais nessa tarefa. A coletânea de textos aqui reunidos dão uma pequena mostra destes momentos cruciais em história contemporânea.

Flávio Jorge Rodrigues da Silva iniciou sua militância na década de 1970 no movimento estudantil na PUC-SP, fundando o primeiro núcleo negro da PUC, foi combatente contra a ditadura militar brasileira (1964-1985), enfrentando a repressão que assolava o Brasil durante estes tenebrosos anos. Foi no ano de 1978, sob impacto do ato do Movimento Negro Unificado (MNU) nas escadarias do Theatro Municipal, que Flávio decidiu militar no movimento negro, alargando seu ativismo político.

Participou das primeiras articulações para realização do ENEN (Encontro Nacional de Entidades Negras), um encontro nacional que aglutinava centenas de jovens, debatendo



FUNDAÇÃO

Perseu Abramo

Partido dos Trabalhadores

Centro  
**Sérgio  
Buarque  
de Holanda**  
de Documentação e  
História Política

questões raciais, fazendo a denúncia das diversas manifestações de racismo a que o povo negro enfrenta e enfrentava no país.

Participou da Direção da CONEN (Coordenação Nacional de Entidades Negras), contribuiu com a criação da SEPPIR (Secretaria de Políticas de Promoção da Igualdade Racial), impulsionando e apoiando a participação de uma mulher negra à frente do órgão.

Filiou-se no Partido dos Trabalhadores desde sua fundação, participando das discussões pela criação da Comissão de Negros e Negras do partido, trazendo junto com seus pares, todo o acúmulo dos debates políticos oriundo dos movimentos sociais, que incorporavam para o interior do partido.

Foi o primeiro Secretário da Secretaria Nacional de Combate ao Racismo do PT, que surgiu no ano de 1995, no bojo dos debates sobre a presença e protagonismo do povo negro no Brasil e nas lutas de combate ao racismo.

No ano de 1991, foi um dos fundadores da Soweto Organização Negra, fortalecendo suas mobilizações nas lutas antirracistas e pela defesa dos direitos da população negra.

Na Fundação Perseu Abramo, esteve desde sua fundação, compondo o Conselho Curador e no ano de 2003, tomou posse na diretoria da FPA, permanecendo até o ano de 2012. Desde o ano de 2013, Flávio Jorge figurava como membro do Conselho Curador desta instituição.

Salientamos que a trajetória descrita aqui, representa apenas uma parte de suas lutas e conquistas. Um fragmento de toda dedicação e trabalho que Flávio dedicou à luta política.

Convidamos a todas e todos a visitarem os artigos que aqui disponibilizamos, que conta parte desta história, com suas inquietações, expectativas, sonhos e sementes, que germinaram e ainda germinarão na história política e social deste país.

**Flávio Jorge, Presente!**



## a) OS NEGROS NO PT: ORGANIZAR E TRANSFORMAR

ESPECIAL - 11

# Os negros no PT: organizar e transformar

FLÁVIO JORGE RODRIGUES DA SILVA

*Chegou a hora de o movimento negro sair da fase "sentimental" e entrar para valer na política*

O ano de 1988 tem tido como principal marca o fato de ser um ano de lutas políticas. Para nós, do movimento negro não tem sido diferente. A postura tanto dos setores ligados aos governos municipais, estaduais e federal, como os ligados à Universidade, à Igreja, ao movimento sindical e popular, aos partidos, em relação ao Centenário da Abolição, tem exigido definições mais precisas quanto à luta em torno da questão racial no Brasil.

Isso tem um sentido positivo. A necessidade de avanços está fazendo com que o Movimento Negro seja obrigado a sair da sua fase de denúncias do racismo e da farsa da democracia racial em nosso país — fase que chamamos de sentimental — que tem sido a tônica de nossa intervenção desde a década de 70, para uma outra fase: a política. Aquela em que temos que ter respostas não só para a situação de explorados e discriminados mas também para o pensarmos juntos, negros e brancos, alternativas para a superação dessa situação. É dentro desse contexto que deve ser discutida também a nossa organização enquanto militantes negros, no interior do PT.

A nossa militância no PT, em vários Estados, existe desde a sua fundação. Ocorre pelo fato de entendermos ser este o Partido em que os negros devem participar em função de sua composição social e visão de transformação da sociedade brasileira.

Visão esta explicitada em seu programa ao colocar a luta contra o capitalismo e seu compromisso com os trabalhadores e oprimidos em geral, na direção de uma sociedade justa e igualitária, uma sociedade socialista. Nessa sociedade, certamente,

a questão racial não será resolvida mas, nela, estarão colocadas as condições necessárias para a sua resolução.

Entretanto, embora estejamos hoje organizados em muitos Estados (como comissões, grupos, secretarias ou subsecretarias), em avaliações realizadas em encontros e reuniões, temos notado que nossa participação e organização ainda é precária.

Vários motivos podem ser apontados como elementos importantes para uma reflexão do por que dessa precariedade em nossa intervenção. Queremos destacar três motivos que julgamos importante para essa reflexão.

O primeiro deles é a incompreensão da importância da luta contra o racismo pelo conjunto do Partido, em particular pelas nossas direções.

### Falsa herança

A história e a ideologia oficial têm "explicado" que a situação vivida pela comunidade negra é uma indicação de que as relações de dominação e inferioridade econômica e social da população negra seriam apenas uma decorrência direta dos tempos escravistas e coloniais — espécie de herança que desaparecerá com o tempo. Posto isso, afirmam que no Brasil não haveria racismo mas "simples" discriminações e preconceitos sociais. Ou seja, o negro é discriminado por ser pobre e não por ser negro.

Isto também tem implicações junto aos setores mais avançados e progressistas de nossa sociedade que, influenciados por essa visão oficial, negam a especificidade e importância da luta negra e automaticamente afirmam ser o socialismo a solução para essa questão. Uma visão simplista que faz com que a luta contra o racismo, assim como a luta contra o machismo

e outras das chamadas "minorias", seja colocada em segundo plano.

Dentro de nosso partido essa visão também prevalece. É com um oprimidos de nossos dirigentes (as exceções existem) quando abordados sobre o assunto a defesa desse tipo de argumentação.

Outro motivo é a lacuna que ainda continua existindo entre a ação de nossos militantes e a prática expressa pelas instâncias do Partido. Essa questão tem sido preocupação de encontros promovidos pelas Secretarias de Movimentos Populares e tem afetado nossa militância.

Como ocorre em outros movimentos, os militantes negros de nosso Partido têm preferido atuar junto a outros organismos como as entidades negras (escolas de samba, blocos afro etc.), no sindicato, na associação de bairro, pois estes organismos têm servido como referencial real de suas atividades, detendo sem finalidade a militância partidária.

### Sem compromissos

O terceiro motivo, que tem relação com o anterior, é a falta de compromisso de nossa militância e a consequente desorganização das comissões, grupos ou secretarias em que atuamos. Isso, aliado à falta de um projeto político, a exemplo do que acontece com o Movimento Negro, tem dificultado a nossa intervenção.

Apesar de nossos esforços não conseguirmos nos reunir de forma sistemática, aglutinar novos companheiros e os nossos trabalhos se devem mais ao voluntarismo de alguns militantes que sentem a importância e a necessidade da intervenção no Partido e fora dele.

Existe ainda de nossa parte uma incompreensão gerada

pela confusão que estabelecemos na relação Movimento e Partido. Não temos ainda definido o entendimento da importância do papel do Partido na luta pela transformação da sociedade. Em nossa prática visualizamos o Partido enquanto uma frente de intervenção ou apenas como militantes do movimento negro, colocando o Partido enquanto um ser distante.

Apesar de todos esses problemas, a situação não é tão negativa como pode parecer a partir das posições aqui colocadas. O Partido dos Trabalhadores ao se colocar contrário a qualquer projeto de tom "comemorativo" ou que desvie a discussão dos resultados que a Abolição da Escravatura trouxe para a sociedade brasileira diferenciou-se dos outros partidos e deu um norte para a nossa relação com as atividades que estão sendo realizadas.

Essa definição se deve em parte à compreensão de alguns dirigentes e, fundamentalmente, à postura correta que nós militantes negros do PT temos tido ao questionarmos o Centenário da Abolição e nos organizarmos, negros e brancos, para fazerem frentes às iniciativas oficiais e de setores que tentam passar uma visão mais conservadora.

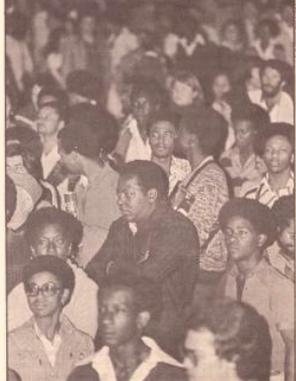
### Encontro Nacional

Outro aspecto importante diz respeito à nossa organização. Em reunião nacional, recentemente realizada pela Secretaria Nacional de Movimentos Populares, com a presença de representantes dos principais Estados onde temos trabalho, foi formada uma Comissão Executiva Nacional que tem como objetivo organizar o II ENCONTRO NACIONAL — O PT E A QUESTÃO RACIAL, que será realizado em setembro em Vitória, no Espírito Santo. Ainda este semestre nos Estados serão realizados encontros para escolha dos delegados e discussão do relatório do Encontro Nacional.

Serão momentos importantes nos quais deveremos aprofundar as discussões aqui levantadas, de forma a propiciar ao conjunto de nossos militantes a compreensão da importância da luta negra no avanço das lutas sociais e de transformação em nosso país.

Esta compreensão é fundamental num país onde a maioria da população é negra e se localiza entre aqueles que o PT pretende atingir com suas propostas: a maioria de nossa população trabalhadora, da cidade e do campo, que tem sido colocada à margem da vida cultural, econômica, social e política.

Filipe Jorge Rodrigues da Silva, membro da Comissão Executiva de Comando de Negros do PT-São Paulo.



*Chegou a hora de o movimento negro sair da fase "sentimental" e entrar para valer na política.*

O ano de 1988 tem tido como principal marca o fato de ser um ano de lutas políticas. Para nós, do movimento negro não tem sido diferente. A postura tanto dos setores ligados aos governos municipais, estaduais e federal, como os ligados à Universidade, à Igreja, ao movimento sindical e popular, aos partidos, em relação ao Centenário da Abolição, tem exigido definições mais precisas quanto à luta em torno da questão racial no Brasil.

Isso tem um sentido positivo. A necessidade de avanços está fazendo com que o Movimento Negro seja obrigado a sair da sua fase de denúncias do racismo e da farsa da



democracia racial em nosso país — fase que chamamos de sentimental — que tem sido a tônica de nossa intervenção desde a década de 70, para uma outra fase: a política. Aquela em que temos que ter respostas não só para a situação de explorados e discriminados mas também para o pensarmos juntos, negros e brancos, alternativas para a superação dessa situação. É dentro desse contexto que deve ser discutida também a nossa organização enquanto militantes negros, no interior do PT.

A nossa militância no PT, em vários Estados, existe desde a sua fundação. Ocorre pelo fato de entendermos ser este o Partido em que os negros devem participar em função de sua composição social e visão de transformação da sociedade brasileira.

Visão está explicitada em seu programa ao colocar a luta contra o capitalismo e seu compromisso com os trabalhadores e oprimidos em geral, na direção de uma sociedade justa e igualitária, uma sociedade socialista. Nessa sociedade, certamente, a questão racial não será resolvida mas, nela, estarão colocadas as condições necessárias para a sua resolução.

Entretanto, embora estejamos hoje organizados em muitos Estados (como comissões, grupos, secretarias ou subsecretarias), em avaliações realizadas em encontros e reuniões, temos notado que nossa participação e organização ainda é precária.

Vários motivos podem ser apontados como elementos importantes para uma reflexão do por que dessa precariedade em nossa intervenção. Queremos destacar três motivos que julgamos importante para essa reflexão.

O primeiro deles é a incompreensão da importância da luta contra o racismo pelo conjunto do Partido, em particular pelas nossas direções.

### **Falsa herança**

A história e a ideologia oficial têm “explicado” que a situação vivida pela comunidade negra é uma indicação de que as relações de dominação e inferioridade econômica e social da população negra seriam apenas uma decorrência direta dos tempos escravistas e coloniais — espécie de herança que desaparecerá com o tempo. Posto isso, afirmam que no Brasil não haveria racismo mas “simples” discriminações e preconceitos sociais. Ou seja, o negro é discriminado por ser pobre e não por ser negro.

Isto também tem implicações junto aos setores mais avançados e progressistas de nossa sociedade que, influenciados por essa visão oficial, negam a especificidade e importância da luta negra e automaticamente afirmam ser o socialismo a solução para essa



questão. Uma visão simplista que faz com que a luta contra o racismo, assim como a luta contra o machismo e outras das chamadas “minorias”, seja colocada em segundo plano.

Dentro de nosso partido essa visão também prevalece. É comum ouvirmos de nossos dirigentes (as exceções existem) quando abordados sobre o assunto a defesa desse tipo de argumentação.

Outro motivo é a lacuna que ainda continua existindo entre a ação de nossos militantes nos movimentos sociais e a prática expressa pelas instâncias do Partido. Essa questão tem sido preocupação de encontros promovidos pelas Secretarias de Movimentos Populares e tem afetado nossa militância.

Como ocorre em outros movimentos, os militantes negros de nosso Partido têm preferido atuar junto a outros organismos como as entidades negras (escolas de samba, blocos afros etc.), no sindicato, na associação de bairro, pois estes organismos têm servido como referencial real de suas atividades, deixando sem finalidade a militância partidária.

### **Sem compromissos**

O terceiro motivo, que tem relação com o anterior, é a falta de compromisso de nossa militância e a conseqüente desorganização das comissões, grupos ou secretarias em que atuamos. Isso, aliado à falta de um projeto político, a exemplo do que acontece com o Movimento Negro, tem dificultado a nossa intervenção.

Apesar de nossos esforços não conseguimos nos reunir de forma sistemática, aglutinar novos companheiros e os nossos trabalhos se devem mais ao voluntarismo de alguns militantes que sentem a importância e a necessidade da intervenção no Partido e fora dele.

Existe ainda de nossa parte uma incompreensão gerada pela confusão que estabelecemos na relação Movimento e Partido. Não temos ainda definido o entendimento da importância do papel do Partido na luta pela transformação da sociedade. Em nossa prática visualizamos o Partido enquanto uma frente de intervenção ou apenas como militantes do movimento negro, colocando o Partido enquanto um ser distante.

Apesar de todos esses problemas, a situação não é tão negativa como pode parecer a partir das posições aqui colocadas. O Partido dos Trabalhadores ao se colocar contrário a qualquer projeto de tom “comemorativo” ou que desvie a discussão dos resultados que a Abolição da Escravatura trouxe para a sociedade brasileira diferenciou-se dos outros partidos e deu um norte para a nossa relação com as atividades que estão sendo realizadas.



Essa definição se deve em parte à compreensão de alguns dirigentes e, fundamentalmente, à postura correta que nós militantes negros do PT temos tido ao questionarmos o Centenário da Abolição e nos organizarmos, negros e brancos, para fazermos frentes às iniciativas oficiais e de setores que tentam passar uma visão mais conservadora.

### **Encontro Nacional**

Outro aspecto importante diz respeito à nossa organização. Em reunião nacional, recentemente realizada pela Secretaria Nacional de Movimentos Populares, com a presença de representantes dos principais Estados onde temos trabalho, foi formada uma Comissão Executiva Nacional que tem como objetivo organizar o II ENCONTRO NACIONAL — O PT E A QUESTÃO RACIAL, que será realizado em setembro em Vitória, no Espírito Santo. Ainda este semestre nos Estados serão realizados encontros para escolha dos delegados e discussão do temário do Encontro Nacional.

Serão momentos importantes nos quais deveremos aprofundar as discussões aqui levantadas, de forma a propiciar ao conjunto de nossos militantes a compreensão da importância da luta negra no avanço das lutas sociais e de transformação em nosso país.

Esta compreensão é fundamental num país onde a maioria da população é negra e se localiza entre aqueles que o PT pretende atingir com suas propostas: a maioria de nossa população trabalhadora, da cidade e do campo, que tem sido colocada à margem da vida cultural, econômica, social e política.

Flávio Jorge Rodrigues da Silva

*[No contexto, membro da Coordenação Provisória da Comissão de Negros do PT-São Paulo]*

**Fonte:** *Boletim Nacional do PT*, edição nº35, maio de 1988. Acervo CSBH/FPA.  
Disponível em:

[https://siac.fpabramo.org.br/uploads/acervo/J\\_BN\\_1988\\_0035.pdf](https://siac.fpabramo.org.br/uploads/acervo/J_BN_1988_0035.pdf)



## a) OS NEGROS E O I CONGRESSO: TEMOS QUE FAZER NOSSA PARTE



O terceiro número do **Jornal do Congresso** publica o resultado parcial - do trabalho das comissões temáticas, constituídas pelo Diretório Nacional, referentes ao tema Reorganização Partidária.

Ao discutir a participação de setores discriminados no Partido dos Trabalhadores, no que diz respeito à questão racial negra, começa afirmando que "é incipiente o desenvolvimento político e a estruturação orgânica do trabalho voltado para a luta anti-racista a nível partidário. Esta realidade é contraditória com o fato de que grande número de militantes do movimento negro organizado no país sejam petistas ou simpatizantes do PT e muitos atuantes em todos os anos de construção do partido".

Essa afirmativa vai de encontro a uma parte do texto "A questão racial negra nos 11 anos do PT", publicado no primeiro número de **Cadernos do I Congresso**- da Coordenação.



Política Geral do Congresso: “Entretanto, os impactos dessa militância- seja no cotidiano do partido , na composição dos organismos de direção, na própria formulação de seu projeto político para a sociedade brasileira- podem ser considerados precários nesses 11 anos de vida”.

A partir dessas afirmações é que consideramos acertada a decisão do Diretório Nacional de possibilitar que os encontros setoriais preparatórios ao I Congresso do PT - sindical, juventude, mulheres, negros, ecologistas, agrário, saúde, educação, portadores de deficiência, assuntos indígenas e transporte- moradia- associações de moradores- tenham direito de eleger delegados aos encontros estaduais e diretamente ao Congresso.

As direções partidárias, sempre criticadas- corretamente- pelos que militam em torno da questão racial por não entenderem a importância desta luta na construção de um projeto político para as relações sociais no Brasil, **já fizeram sua parte.**

A realização dos encontros setoriais, além de possibilitar a presença da militância racial negra no I Congresso, tem um papel ainda maior. O de possibilitar, também, que essa militância dê sua contribuição para que nosso partido, num momento importante de sua vida, em que é referência da luta socialista- ainda existimos-, não só no Brasil, mas em todo mundo, entenda no seu conjunto que o racismo é um instrumento de dominação e exclusão. Que essa compreensão e sua incorporação nas decisões do Congresso adquiram um caráter transformador num país de grande população de origem negra, onde o elemento racial, somado à situação de violência e miséria, é responsável pelo grau de exploração , dominação e extermínio da classe trabalhadora e pobre.

**Temos que fazer a nossa parte** nos empenhando na realização de nossos encontros setoriais.

Flávio Jorge Rodrigues da Silva

[No contexto, Coordenador da Sub-Secretaria Nacional de Negros do PT]

**Fonte:** *Boletim Nacional do PT*, edição nº57-58, agosto/setembro de 1991. Acervo CSBH/FPA. Disponível em:

[https://siac.fpabramo.org.br/uploads/acervo/J\\_BN\\_1991\\_0057-0058.pdf](https://siac.fpabramo.org.br/uploads/acervo/J_BN_1991_0057-0058.pdf)



## b) LOS ANGELES, OH!



Esta exclamação, com um misto de espanto, medo, surpresa ou indignação, esteve presente nas bocas e mentes daqueles que, no Brasil e em todo o mundo, ligaram seus televisores e rádios para ver e ouvir as notícias que, na quarta-feira do dia 29 de abril, informavam o início de uma manifestação de violência e protesto, encabeçada pelos negros do bairro South Central, na cidade de Los Angeles, EUA.

Uma manifestação que rapidamente se estendeu para outras cidades e estados americanos. Teve como estopim o surpreendente veredicto de um júri composto por dez brancos, um hispânico e um descendente de asiáticos, que inocentou policiais brancos que espancaram, há cerca de um ano, Rodney King, um negro de vinte e seis anos, trabalhador desempregado da construção civil.

O espancamento de Rodney King foi registrado em vídeo por um cinematografista amador, em uma gravação transmitida para o mundo inteiro.



**TEMPO.** A frase de um negro, que durante os saques a uma loja, segundo os jornais, se identificou pelo sobrenome, Master, tem um significado que vai além do fato que originou as manifestações. A frase foi: "Estivemos quietos por muito tempo". O tempo dito por Master pode ser medido. Para a grande massa que saiu às ruas, em sua maioria jovens negros, ele tem início há doze anos atrás com a chegada de Ronald Reagan à Casa Branca. A desativação de programas sociais (conquistas oriundas das lutas negras na década de 60), em nome da busca do equilíbrio fiscal das contas, acompanhada de um longo período recessivo da economia, empobreceu de forma violenta a população que, nas ruas, incendiou, quebrou e saqueou Los Angeles e outras cidades.

Termina - o tempo de Master - com Georg Bush, que ao eleger-se em 1988 prometia uma América mais bondosa e gentil - a *kinder and gentler América*. A deterioração da economia, a crise dos serviços de transporte, abastecimento e educação, com a crescente exclusão, desemprego e marginalização dos pobres, em particular dos negros e hispânicos, demonstrou que Bush não conseguiu cumprir as promessas que novamente repete no processo eleitoral em curso nos Estados Unidos.

**BRASIL.** Sem sermos alarmistas, os acontecimentos de Los Angeles exigem uma reflexão sobre a nossa realidade, a brasileira. Guardadas as devidas proporções, ela tem semelhanças com a realidade americana, que vão além do mesmo modo de vestir dos jovens que participaram das manifestações e dos que transitam pelas nossas ruas ou que frequentam os bailes negros.

A busca da "modernidade" presente no discurso e atos do Governo Collor, exigindo de nós, brasileiros, sacrifícios cuja recompensa serão a estabilidade econômica, social e política proporcionada por um "Brasil Novo", tem a mesma matriz americana: o liberalismo e sua vertente econômico-social, a economia de mercado. Nos Estados Unidos e em países como a Venezuela e Peru, os exemplos são de que este caminho não é tão tranquilo.

Nos EUA saqueia-se por justiça (pelo menos é o que dizem as palavras de ordem de Los Angeles); no Brasil os saques recentes têm como justificativa a fome.

Nos EUA a população negra é de 30 milhões de pessoas, cerca de 12% da população. Estes negros vivem em péssimas condições de habitação, continuam tendo dificuldades no acesso à educação, e as taxas de desemprego e de não-expectativa de vida são maiores entre os negros na relação com os brancos. No Brasil, os negros, segundo as



estatísticas oficiais, são 40% da população e a situação é a mesma, no que tange às desigualdades que atingem os não-brancos. Como acréscimo temos o extermínio de crianças e adolescentes, a esterilização de mulheres, na maioria, negras e pobres.

Aos analistas sociólogos e políticos, lembramos: também era espontâneo e não-organizado (a exemplo de Los Angeles) o movimento dos desempregados que, em abril de 1983, derrubou as cercas do Palácio do Governo e acampou no Parque do Ibirapuera, em São Paulo. Este movimento se estendeu para outras partes do país e, somado a outras mobilizações, desembocou nas "Diretas-Já".

Na semana do 13 de Maio - **Dia Nacional de Denúncia Contra o Racismo** - o Movimento Negro estará nas universidades, escolas de samba, sedes de blocos afros e afoxés, nas ruas e praças, chamando a uma reflexão sobre "nossa Los Angeles" e, a exemplo do negro Master, lembrando que, no Brasil, os trabalhadores, os marginalizados, os negros e pobres ESTAMOS QUIETOS HÁ MUITO TEMPO.

Flávio Jorge

*[No contexto, presidente da Soweto Organização Negra - São Paulo]*

**Fonte:** *Brasil Agora*, edição nº14, 11 a 24 de maio de 1992. Acervo CSBH/FPA.  
Disponível em:

<https://acervo.fpabramo.org.br/index.php/jornal-brasil-agora-17>



## c) FAÇA A COISA CERTA! O COMBATE AO RACISMO EM MOVIMENTO, APRESENTAÇÃO



Com a comemoração do Tricentenário de Imortalidade de Zumbi dos Palmares, em 1995, destacou-se um vigoroso ingresso da temática racial no espaço público brasileiro. Nunca se discutiu tanto a questão racial, dia-a-dia, a mídia divulgou pesquisas, denúncias, reportagens e eventos, atestando o poder transformador da militância anti-racista. A despeito do isolamento político a que historicamente foi submetida, a luta anti-racista se mostrou capaz de forçar o reconhecimento público da raça como elemento diferencial de direitos à cidadania.

Na base da sociedade cresce a indignação e as reivindicações da população negra frente às iniquidades raciais, ao mesmo tempo em que se intensificam os esforços de organização e ação política.

Como decorrência da intervenção do movimento negro acenouse com a incorporação de algumas reivindicações históricas. Observa-se desde meados da década de oitenta, conquistas importantes no plano jurídico-institucional que atendem, ainda que



parcialmente, antigas reivindicações do povo negro. Porém, não se discutiu o papel do Estado na garantia de direitos fundamentais do cidadão e na promoção da igualdade.

Ao longo da história brasileira o povo negro tem demonstrado um vigor e uma capacidade heróica para desafiar e derrotar as políticas de extermínio implementadas pelas elites brancas. Foram utilizados inúmeros instrumentos e formas de lutas e hoje, como continuidade da tradição de rebeldia e insubmissão iniciada nos quilombos, o povo negro volta a emergir como sujeito político, rompendo o véu e destruindo a invisibilidade que tentaram inutilmente lhe impor.

Nos últimos anos, a luta antirracista experimentou um crescimento sem precedentes, tanto em função do fortalecimento das organizações autônomas, quanto pela multiplicação de entidades em todo o país, ou pelas novas formas de articulação e de expressão da militância em vários espaços, como por exemplo: locais de trabalho, organizações rurais, sindicatos, movimentos populares, partidos políticos, universidades, parlamento, entidades religiosas, mulheres negras, órgãos governamentais etc.

Há que se ressaltar a emergência do Movimento de Mulheres Negras com fisionomia própria e caráter nacional. Em 1995, as mulheres negras entrevistadas nos fóruns nacionais e internacionais preparativos para a Conferência sobre a Mulher - Beijing 95. Garantiram a inclusão da questão racial na pauta da Conferência Nacional de Mulheres Brasileiras e por consequência propiciaram o debate na elaboração da Plataforma de Ação da Conferência Mundial. Propuseram o pleno reconhecimento de que os países da América Latina e do Caribe são constituídos por populações multirraciais e multiculturais, e o reconhecimento de que o racismo é uma das causas fundamentais que impede o desenvolvimento sustentável da população negra.

A garantia do direito à identidade diferenciada é um dos princípios do Movimento de Mulheres Negras, que propõe a integração de todas as mulheres, homens, negros e brancos na luta contra o racismo e o machismo. As mulheres negras querem ter assegurada a participação nos centros de poder. Um dos objetivos do movimento é conseguir que os governos se comprometam a implementar políticas de desenvolvimento para saldar a dívida histórica contraída com as populações negras, tendo as mulheres como beneficiárias prioritárias.

Neste contexto, a militância e as organizações negras têm diante de si o desafio de viabilizar uma ação conjunta que resgate a atualidade da luta de Zumbi dos Palmares, de



modo a canalizá-la, encaminhar bandeiras concretas para o enfrentamento da exclusão e das desigualdades raciais e explorar as possibilidades de unificação progressista da ação antirracista, priorizando os anseios e os interesses maiores de mulheres e homens, por intermédio da formação de um amplo arco de forças e alianças capazes de pautar a questão racial enquanto uma prioridade de âmbito nacional.

Os crescentes pronunciamentos de dirigentes políticos revelam a reengenharia do mito da democracia racial, a negação frontal do racismo é pau latinamente substituída por solenes declarações que reconhecem o problema mas não indagam o papel dos indivíduos, das instituições e do Estado na sua superação. A naturalização das desigualdades raciais é agora substituída pela naturalização do racismo, através de uma lógica esdrúxula que isenta a sociedade de responsabilidade e termina por culpabilizar o próprio negro pelos privilégios raciais, materiais e simbólicos da elite branca e masculina. Tudo se passa como se à sociedade restasse tão-somente conformar-se com as estatísticas e, ao povo negro, resignar-se frente à violência do cotidiano.

Houve por parte de setores do Estado tentativas de congelar o significado da vida e assassinato de Zumbi dos Palmares a um passado remoto, buscando fazer capitular a indignação do povo negro, esvaziar o debate sobre as desigualdades raciais do presente e debilitar o esforço de organização autônoma da população negra.

No entanto, o Estado brasileiro, por seus órgãos de governo, foi forçado a reconhecer o racismo e Zumbi como um dos maiores heróis nacionais (o que podemos constatar nos pronunciamentos de FHC); realizou homenagens e festividades que culminaram com a celebração oficial na Serra da Barriga, no dia 20 de novembro de 1995.

O Tricentenário de Zumbi é imperativo histórico que exige das entidades dos trabalhadores e do movimento negro um exercício coletivo de descoberta de novas formas de relacionamento com o objetivo comum de consolidar a luta de combate ao racismo como elemento estratégico de transformação da sociedade brasileira. O conjunto de atividades realizadas proporcionaram um debate nacional em grande escala, que estimulou a nossa sociedade a pensar o significado do ser negro ou branco, pobre ou rico, em nosso país.

Todo este esforço resultou num momento de qualidade nas relações raciais brasileiras. Entre inúmeras atividades realizadas em praticamente todos os estados pelo



movimento negro em conjunto com forças de diversos setores do movimento social brasileiro, destacamos aquelas que, no nosso entendimento, tiveram maior relevância:

### **Jornada Zumbi pela vida**

Uma caminhada de mais de dez dias, promovida pela CUT. Mais de duzentos quilômetros foram percorridos de São Paulo (Capital) até Aparecida do Norte. Além do ineditismo e dos objetivos de destacar as injustiças sociais, as práticas racistas e o trabalho escravo, ela foi um passo para o que o Vicentinho — presidente da CUT — denomina construção de um movimento sindical cidadão.

### **Luta dos Remanescentes de Quilombos**

Distribuídos pelas diversas regiões do país, a luta dos remanescentes de quilombos pelo direito ao livre acesso e à propriedade de suas terras ganha nesse ano repercussão nacional. Destacamos o I Encontro de Comunidades Negras Rurais, no período de 17 a 20 de novembro, em Brasília e outras iniciativas como o Encontro de Comunidades Negras Rurais realizado no Maranhão.

### **Congresso Continental dos Povos Negros das Américas**

Realizado em São Paulo, de 21 a 25 de novembro, com representantes de dezessete países das Américas e Caribe. Acontece num momento em que a implementação de políticas neoliberais em várias partes do mundo tem como consequência a ampliação do racismo, da exclusão e marginalização das populações negras. Gestou propostas, articulações e estratégias em condições de fazer frente a este difícil momento. Destacou, também, a globalização do ódio e da intolerância racial.

### **Marcha contra o Racismo, pela Igualdade e pela Vida**

Reuniu, em 20 de novembro, cerca de 30 mil pessoas de todo o país. Foi uma das maiores manifestações contra o racismo e por melhores condições de vida e trabalho para o povo negro. Seu êxito consolida o movimento negro como um dos mais importantes movimentos sociais da atualidade e em condição de influir na transformação da realidade vivida pelo povo negro e de contribuir para a democratização de nossa sociedade.



A resistência sociocultural do negro no passado assume uma dimensão presente e é atualizada num contexto em que políticas de cunho neoliberal, se consolidadas, terão como consequência a reprodução em grau maior da exclusão de uma maioria populacional. Exclusão esta que incorpora novos elementos como as discriminações raciais, sexuais, regionais, que se constituem como fatores determinantes das oportunidades sociais, condições de vida e de trabalho dos que vivem no campo e na cidade.

É em meio a essa realidade que surge no PT a Secretaria Nacional de Combate ao Racismo.

Em nosso partido é consequência da participação, como exemplo, da saudosa companheira Lélia Gonzales na primeira Direção Nacional, no ano de 1980, e dos esforços de muitos de nós, negros e negras, para nos organizarmos e materializarmos, em políticas concretas, nossas ações.

Essa revista faz parte desse processo organizativo-político, de articulação e expressão da militância negra e antirracista em nível partidário. Todos os artigos são escritos por militantes que nas páginas seguintes veiculam suas opiniões, reflexões e contribuições para uma construção teórica que dê sustentação e oriente o combate ao racismo.

Flávio Jorge Rodrigues

*[No contexto, Secretário Nacional de Combate ao Racismo do PT]*

**Fonte:** *Teoria e Debate*, edição nº31, 1995. Acervo CSBH/FPA.

Disponível em:

[https://fpabramo.org.br/csbh/wp-content/uploads/sites/3/2020/11/DOC\\_0001-2.pdf](https://fpabramo.org.br/csbh/wp-content/uploads/sites/3/2020/11/DOC_0001-2.pdf)



## d) VALEU, ZUMBI!



Inicialmente proposta pelo movimento negro, a campanha em torno dos 300 anos da imortalidade de Zumbi dos Palmares adquire mobilização social significativa e o reconhecimento e adesão dos demais segmentos, adquirindo até uma dimensão internacional.

Entre inúmeras atividades realizadas em praticamente todos os estados, destacamos aquelas que, no nosso entendimento, tiveram uma maior relevância.

Jornada Zumbi pela vida. Uma caminhada de mais de dez dias promovida pela CUT, em que mais de 200 quilômetros foram percorridos da cidade de São Paulo até Aparecida. Além de seu ineditismo e de seus objetivos (chamar a atenção da população para as injustiças sociais que ocorrem em nosso

país, com destaque para as práticas racistas e a existência de trabalho escravo), teve para nós um significado maior: a partir dessa jornada a questão racial deve estar presente na pauta do movimento sindical — um passo importante para o que Vicentinho, presidente da CUT Nacional, denomina de construção de um movimento sindical cidadão.

**Luta dos remanescentes dos quilombos.** Distribuídos pelas diversas regiões do país, a luta dos remanescentes de quilombos, pelo direito ao livre acesso e à propriedade de suas terras, ganha nesse ano repercussão nacional. Destacamos o I Encontro Nacional de Comunidades Negras Rurais, no período de 17 a 20 de novembro, em Brasília. Toda essa mobilização resultou numa importante vitória: a titulação das terras da Comunidade Boa Vista, município de Oriximiná, no Pará.

**Congresso Continental dos povos Negros das Américas.** Realizado em São Paulo, de 21 a 25 de novembro, com representantes de 17 países das Américas e Caribe. Acontece



num momento em que a implementação de políticas neoliberais em várias partes do mundo têm como consequência a ampliação do racismo, da exclusão e marginalização das populações negras. Gestou propostas, articulações e estratégias em condição de fazer frente a este difícil momento. Destacou, também, a importância e a responsabilidade que tem o Movimento Negro brasileiro, nesse contexto de globalização do ódio e intolerância racial.

*Marcha contra o racismo, pela igualdade e pela vida.* Reuniu, em 20 de novembro, cerca de 30 mil pessoas, de Brasília e de caravanas de vários estados. Foi uma das maiores manifestações contra o racismo e por melhores condições de vida e trabalho para o povo negro já realizada. Seu êxito consolida o movimento como um dos mais importantes movimentos sociais da atualidade e em condição de influir na transformação da realidade vivida pelo povo negro e de contribuir para a democratização de nossa sociedade.

Foi um ano de vitórias para o movimento negro e para todos aqueles que almejam uma sociedade feliz, sem opressão e discriminação de raça, classe e outras formas de dominação.

Flávio Jorge

*[No contexto, membro do coletivo provisório da Secretaria Nacional de Combate ao Racismo do PT]*

**Fonte:** *Linha Direta*, edição nº247, 9 a 15 de dezembro de 1995. Acervo CSBH/FPA.



## e) TENHO VERGONHA DE SER FRANCÊS

INTERNACIONAL

### “Tenho vergonha de ser francês”

Esta frase expressa a indignação do padre Henri Conde diante de cerca de mil policiais lançando bombas de gás lacrimogêneo e arrombando as portas da igreja Saint Bernard, em Paris (França), para invadir o local onde estavam acampados os africanos *sans-papiers* (sem documentos). Os africanos reclamavam a regularização de suas vidas de imigrantes e exigiam o visto de permanência naquele país.

A polícia prendeu 220 africanos e o fato causou enorme polêmica entre as partes favoráveis e contrárias a essa medida de força do governo francês. Aconteceu num momento em que a implementação de políticas neoliberais, em várias partes do

mundo, tem como consequência a ampliação do racismo, da exclusão e a marginalização das populações negras, vítimas dos níveis alarmantes de pobreza e miséria, principalmente nos países considerados como do Terceiro Mundo. São trabalhadores, em sua maioria jovens, que cruzam suas fronteiras em busca de comida e trabalho.

Essa corrida de famintos do mundo pobre em busca das migalhas do mundo rico faz ressurgir o velho nacionalismo europeu. Aí o racismo é um muro que se ergue em defesa do também velho binômio paz-prosperidade, incompatíveis com a *desordem e a irracionalidade* de um mundo de

outras cores, línguas, religiões e culturas, em nome do qual o branco europeu explorou/explora, dominou/domina e até exterminou/extermina outros povos.

Os gritos dos manifestantes contrários à invasão da Saint Bernard – *Franceses, imigrantes, solidariedade* – colocam na ordem do dia o estreitamento de relações em busca da solidariedade internacional no combate ao racismo e aos projetos que ampliam a exclusão, a marginalização, a segregação e a violência, globalizando o ódio e a intolerância racial entre os habitantes do planeta Terra.

Fábio Jorge R. Silva, secretário nacional de Combate ao Racismo/PT: (011) 224.1912

Esta frase expressa a indignação do padre Henri Conde diante de cerca de mil policiais lançando bombas de gás lacrimogêneo e arrombando as portas da igreja Saint Bernard, em Paris (França), para invadir o local onde estavam acampados os africanos *sans-papiers* (sem documentos). Os africanos reclamavam a regularização de suas vidas de imigrantes e exigiam o visto de permanência naquele país.

A polícia prendeu 220 africanos e o fato causou enorme polêmica entre as partes favoráveis e contrárias a essa medida de força do governo francês. Aconteceu num momento em que a implementação de políticas neoliberais, em várias partes do mundo, tem como consequência a ampliação do racismo, da exclusão e a marginalização das populações negras, vítimas dos níveis alarmantes de pobreza e miséria, principalmente nos países considerados como do Terceiro Mundo. São trabalhadores, em sua maioria jovens, que cruzam suas fronteiras em busca de comida e trabalho.

Essa corrida de famintos do mundo pobre em busca das migalhas do mundo rico faz ressurgir o velho nacionalismo europeu. Aí o racismo é um muro que se ergue em defesa do também velho binômio paz-prosperidade, incompatíveis com a desordem e a irracionalidade de um mundo de outras cores, línguas, religiões e culturas, em nome do qual o branco europeu explorou/explora, dominou/domina e até exterminou/extermina outros povos.

Os gritos dos manifestantes contrários à invasão da Saint Bernard – *Franceses, imigrantes, solidariedade* – colocam na ordem do dia o estreitamento de relações em busca da solidariedade internacional no combate ao racismo e aos projetos que ampliam a



FUNDAÇÃO

Perseu Abramo

Partido dos Trabalhadores

Centro  
**Sérgio  
Buarque  
de Holanda**  
de Documentação e  
História Política

exclusão, a marginalização, a segregação e a violência, globalizando o ódio e a intolerância racial entre os habitantes do planeta Terra.

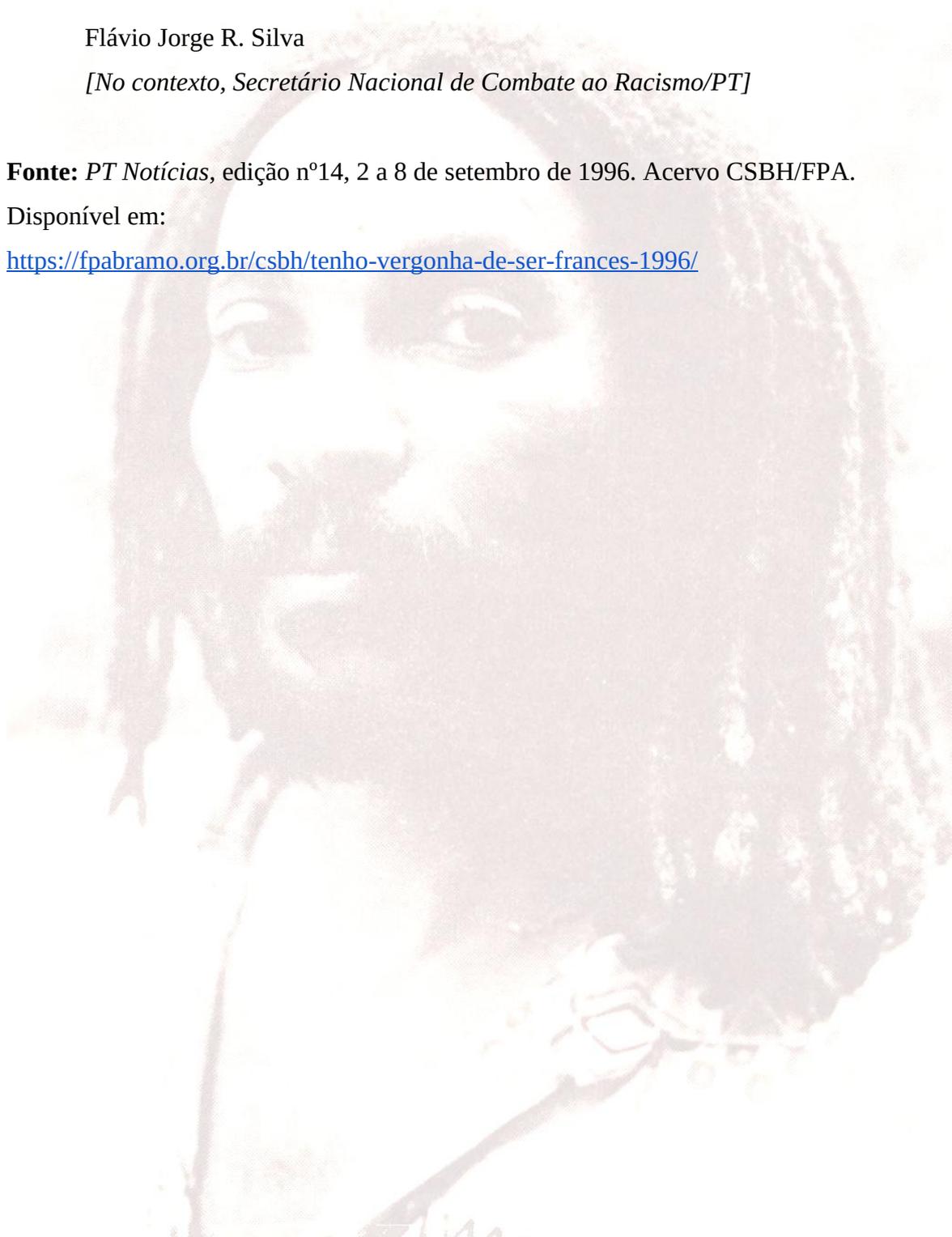
Flávio Jorge R. Silva

[No contexto, Secretário Nacional de Combate ao Racismo/PT]

**Fonte:** *PT Notícias*, edição nº14, 2 a 8 de setembro de 1996. Acervo CSBH/FPA.

Disponível em:

<https://fpabramo.org.br/csbh/tenho-vergonha-de-ser-frances-1996/>





## f) EM QUESTÃO DO FUTURO DO POVO NEGRO

MOVIMENTOS

### Em questão o futuro do povo negro

Celso Pitta reconhece, na *Folha de São Paulo* do dia 28, a falta de representatividade da comunidade negra em postos e organismos de poder e se dispõe, se eleito, a prestigiar este segmento de São Paulo. Porém, repete sua história de vida, destacando o bom e enraizado relacionamento com a família Maluf, que possibilitou sua ascensão econômica e, agora, política.

Este candidato faz parte de um segmento negro urbano, que o sociólogo Clóvis Moura classifica como *classe média negra letrada*, composta de profissionais liberais, pequenos empresários, funcionários públicos e outros de igual nível. O comporta-

tamento desse negro letrado é permeado por valores do universo branco, como educação, etiqueta e até mesmo na política: "se ajustam aos padrões do sistema e agem da mesma forma que os grupos ou organizações dos brancos, no sentido de obterem resultados práticos individuais ou grupais..." Reforçam, com isso, o mito da democracia racial, que procura ocultar o racismo, as desvantagens e as desigualdades de oportunidades e o tratamento a que está submetida a maioria da população negra do País.

Pitta é consequência da incorporação, física e ideológica, do negro a um projeto político que começa a ganhar dimensão nacional. Isso não é novidade no pensa-

mento conservador brasileiro, mas a possibilidade de participação de um negro no centro do poder político e econômico do País, São Paulo, significa um novo tratamento à questão racial e um refinamento do racismo brasileiro.

É a partir dessa compreensão que não podemos votar em Celso Pitta. Seu êxito e o do malufismo significa a inclusão de alguns e a exclusão de muitos, que, mais que pobres e marginalizados, poderão ser milhões de muitos pobres e miseráveis, dispensáveis e perigosos – quase todos negros!

*Flávio Jorge R. Silva, secretário nacional de Combate ao Racismo*

Celso Pitta reconhece, na *Folha de São Paulo* do dia 28, a falta de representatividade da comunidade negra em postos e organismos de poder e se dispõe, se eleito, a prestigiar este segmento de São Paulo. Porém, repete sua história de vida, destacando o bom e enraizado relacionamento com a família Maluf, que possibilitou sua ascensão econômica e, agora, política.

Este candidato faz parte de um segmento negro urbano, que o sociólogo Clóvis Moura classifica como *classe média negra letrada*, composta de profissionais liberais, pequenos empresários, funcionários públicos e outros de igual nível. O comportamento desse negro letrado é permeado por valores do universo branco, como educação, etiqueta e até mesmo na política: "se ajustam aos padrões do sistema e agem da mesma forma que os grupos ou organizações dos brancos, no sentido de obterem resultados práticos individuais ou grupais..." Reforçam, com isso, o mito da democracia racial, que procura ocultar o racismo, as desvantagens e as desigualdades de oportunidades e o tratamento a que está submetida a maioria da população negra do País.

Pitta é consequência da incorporação, física e ideológica, do negro a um projeto político que começa a ganhar dimensão nacional. Isso não é novidade no pensamento conservador brasileiro, mas a possibilidade de participação de um negro no centro do poder político e econômico do País, São Paulo, significa um novo tratamento à questão racial e um refinamento do racismo brasileiro.



FUNDAÇÃO

Perseu Abramo

Partido dos Trabalhadores

Centro  
**Sérgio  
Buarque  
de Holanda**  
de Documentação e  
História Política

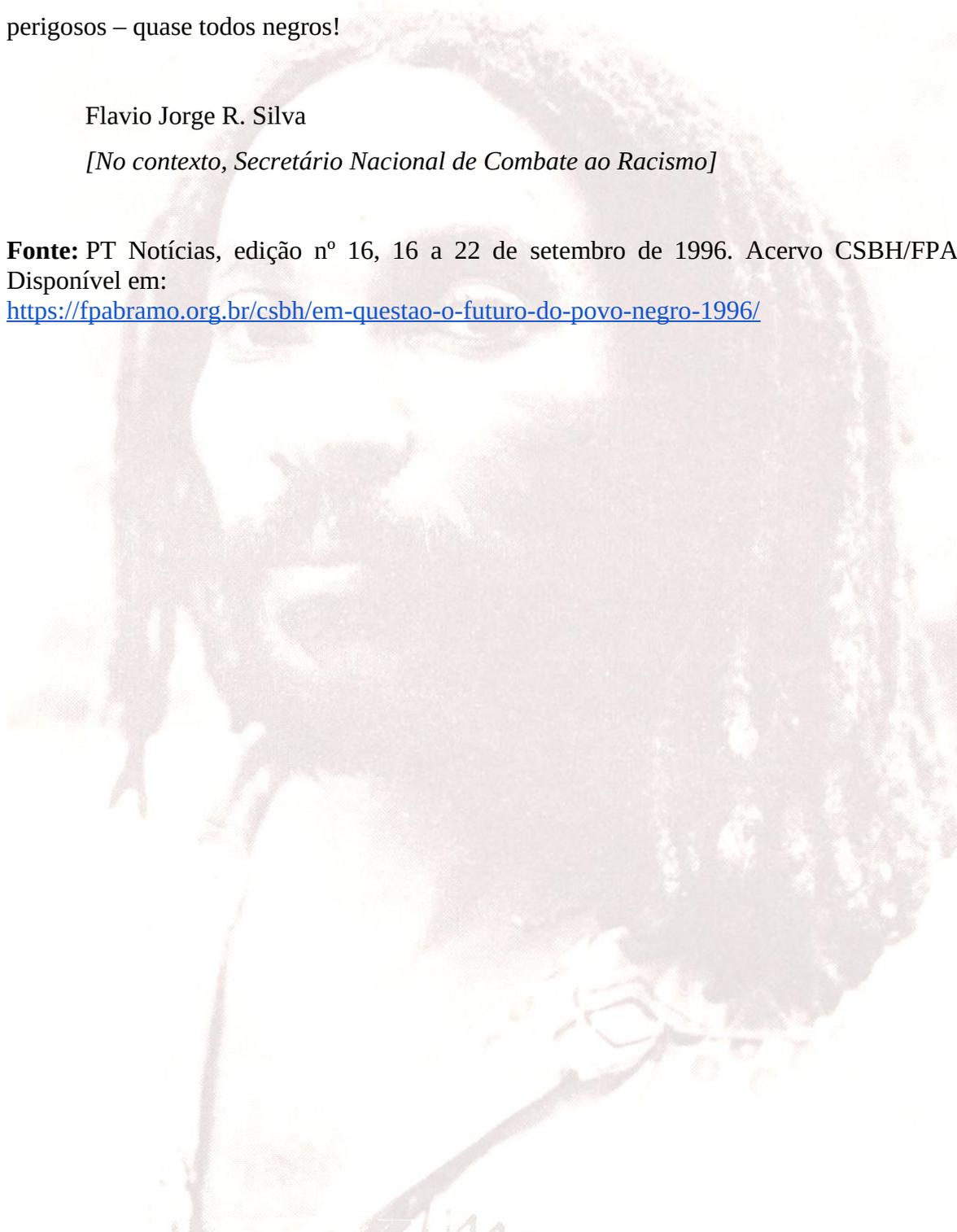
E a partir dessa compreensão que não podemos votar em Celso Pitta. Seu êxito e o do malufismo significa a inclusão de alguns e a exclusão de muitos, que, mais que pobres e marginalizados, poderão ser milhões de muitos pobres e miseráveis, dispensáveis e perigosos – quase todos negros!

Flavio Jorge R. Silva

*[No contexto, Secretário Nacional de Combate ao Racismo]*

**Fonte:** PT Notícias, edição nº 16, 16 a 22 de setembro de 1996. Acervo CSBH/FPA. Disponível em:

<https://fpabramo.org.br/csbh/em-questao-o-futuro-do-povo-negro-1996/>





## g) O FUTURO DO POVO NEGRO!



O 1º turno em São Paulo teve como vencedor um negro, Celso Pitta.

A imagem e a participação do negro no centro do poder político são de fato novidades. Além de resgatar a importância do voto racial, principalmente num país de grande população negra, é também um anseio do movimento negro mais combativo.

Em entrevista à Folha de S. Paulo, indagado sobre a relação com a situação racial do país, entre outros pontos, Pitta respondeu: “quando participo de carreatas, vejo como crianças negras me olham com admiração. Devem pensar: puxa vida, quando eu crescer, quero ser como esse Pitta”. A resposta explícita sua visão sobre o futuro do povo negro. Ele acredita na possibilidade de ascensão e inclusão do negro no interior das atuais relações de poder e, utilizando de sua trajetória de sucesso, procura atrair o voto do eleitorado negro. Entretanto, no ideário malufista, do qual Pitta é um ótimo discípulo, os requisitos para essa inclusão estão sendo redefinidos. A lógica do Estado baseada na produção é questionada. A competência, a eficiência e a equidade passam a ser parâmetros



para a inclusão. A lógica é a da racionalidade econômica, a da economia de mercado que exclui o outro a partir da competitividade.

A implementação desse tipo de política tem como consequência a ampliação do racismo, da exclusão e marginalização das populações negras e pobres.

Celso Pitta faz parte de um segmento negro urbano da cidade de São Paulo que o sociólogo Clóvis Moura, em seu livro *Dialética Radical do Brasil Negro*, classifica como uma “classe media negra letrada”, segmento composto de profissionais liberais, pequenos empresários e outros de igual nível.

Segundo Moura, o comportamento desses negros é permeado por valores do universo branco como educação, etiqueta, saber, lazer e na política, principalmente nos momentos eleitorais, “se ajustam aos padrões do sistema e agem da mesma forma que os grupos ou organizações dos brancos no sentido de obterem resultados práticos individuais ou grupais ...” Reforçam, com essa atitude, o mito da democracia racial — já, desmascarado pelas ações do movimento negro brasileiro — que procura ocultar o racismo, as desvantagens e as desigualdades de oportunidades e tratamento a que está submetida a maioria da população negra do país.

Ele é consequência da leitura que o malufismo e Celso Pitta fazem do Brasil e da incorporação, física e ideológica, do negro a um projeto político que começa a ganhar uma dimensão nacional.

A valorização e possibilidade de participação de um negro no centro do poder político e econômico do país, São Paulo, significa um novo tratamento à questão racial e um refinamento do racismo brasileiro que tem sido eficiente nos seus objetivos.

É a partir dessa compreensão e análise que nos opomos e não podemos votar em Celso Pitta.

Seu êxito e o do malufismo significam a inclusão de alguns e a exclusão de muitos, que mais que pobres e marginalizados, poderão ser milhões de muitos pobres e miseráveis, dispensáveis e perigosos — quase todos negros!

*[No contexto, militante da Soweto Organização Negra e Secretário Nacional de Combate ao Racismo do PT]*

**Fonte:** *Linha Direta*, edição nº 288, 19 a 25 de outubro 1996. Acervo CSBH/FPA.



## h) APARENTEMENTE UM CENÁRIO ADVERSO



Em São Paulo, principal centro político e econômico do País, foi eleito um negro, Celso Pitta, um discípulo do malufismo. Uma eleição que pode significar um novo tratamento da questão racial pelos setores dominantes e um refinamento do racismo brasileiro que, não podemos negar, tem sido eficiente em seus objetivos – vide as desvantagens e as desigualdades de oportunidades e tratamento a que está submetida a maioria da população negra.

São notórias as intenções, no cotidiano de nossas vidas, na política, na produção cultural e na mídia, de transformação da consciência e da cultura negra em uma mercadoria, com a seleção de grupos e indivíduos colocados como vencedores e modelos.

Os comentários preconceituosos e racistas dirigidos à nossa senadora Benedita da Silva por Pio Guerra Júnior, recém eleito presidente do Sebrae (Serviço Brasileiro de Apoio às Micro e Pequenas Empresas), são indicadores de uma sociedade ainda permeada pelas relações senhoriais, de exclusão e violação de direitos fundamentais de mais da metade de sua população.

Apesar dos avanços no plano jurídico-institucional e dos nossos esforços de organização e ação política, o Brasil continua sendo um país racista!



FUNDAÇÃO

Perseu Abramo

Partido dos Trabalhadores

Centro  
**Sérgio  
Buarque  
de Holanda**  
de Documentação e  
História Política

No 20 de novembro passado, Dia Nacional da Consciência Negra, comemoramos o primeiro aniversário de uma das maiores manifestações contra a discriminação racial já realizada no Brasil – a Marcha Contra o Racismo pela Igualdade e a Vida, que em 20 de novembro de 1995, nos 300 anos de Zumbi, reuniu em Brasília cerca de 30 mil pessoas de várias partes do País. Seu êxito só foi possível pela compreensão de seus organizadores quanto à necessidade de se construir uma ação unificada que envolvesse vários setores, numa ampliação das frentes de luta contra o racismo. Um exemplo a ser seguido, para nos contrapormos a esse momento, aparentemente, repito, adverso.

Acompanhe nos próximos números do **PT Notícias** novas informações sobre o **Combate ao Racismo em Movimento!**

*Flávio Jorge Rodrigues da Silva*

*[No contexto, Secretário Nacional de Combate ao Racismo]*

**Fonte:** *PT Notícias*, edição nº 28, 09 a 15 de dezembro de 1996. Acervo CSBH/FPA.  
Disponível em: <https://fpabramo.org.br/csbh/aparentemente-um-cenario-adverso-1996/>



## i) AMPLIAR A CONSCIÊNCIA NEGRA!



Mais uma vez, no mês de novembro, o movimento negro, envolvendo também partidos, governos, centrais sindicais, estudantes e os mais diversos setores, por todo o país, incentiva e festeja a Consciência Negra.

Entretanto, esse novembro traz novidades na luta que desenvolvemos há anos: a consciência negra está em disputa!

Ainda na dianteira, organizativa e política, está o movimento negro constatando que, felizmente, é maior o número de pessoas e organizações que por todo o país garantem uma maior visibilidade racial aos graves problemas sociais do país.

Porém, outros atores entram em cena.

O discurso oficial de governos municipais, estaduais e federal reconhece a existência do racismo em nosso território e que nada faz diante disso ou, ao contrário, até implementa políticas de cunho racista em suas ações.

Entretanto, com raras exceções, a ênfase desse discurso tem sido a possibilidade de viabilizarmos aqui o “racismo cordial”, a decantada convivência pacífica entre todos por



meio de frases do tipo "de um jeito ou de outro, acabamos unidos pelas nossas diferenças", ou "quanto mais o Brasil se mistura, mais ele se torna original", veiculadas no manifesto que convocou o 8º Encontro da Cultura Brasileira, realizado em São Paulo, em novembro, patrocinado pelo Ministério da Cultura e um conjunto de órgãos de governos. Como se fosse possível amenizar o racismo e ao mesmo tempo implementar a cartilha neoliberal, cujo legado é a exclusão de parcela significativa da população brasileira, em sua maioria negra.

Todo cuidado é pouco, pois da democracia racial o Estado passa a edificar outra armadilha que pode ser mais perigosa: a da hipocrisia racial, assentada no binômio diversidade e integração, como um dos esteios do racismo que em nosso país se tenta camuflar.

De outro lado, a mídia e o mercado, a seu modo, começam a tornar públicas a compreensão e a leitura racial que têm sobre a sociedade e a estabelecer estratégias para conquistar esse filão populacional que também consome e que até possui uma razoável classe média negra. Em paralelo, continuam escondendo o grande contingente populacional que não usufrui desses privilégios.

Na TV, no rádio, nos jornais, as peças publicitárias, atendendo a antigos apelos do movimento negro, algo de novo: a presença negra. Novelas em horário nobre enfocam a temática racial como parte da rotina de vida de seus protagonistas. O que seria positivo se não fosse acompanhado do discurso oficial que anuncia a convivência harmoniosa e o possível final feliz entre brancos e não-brancos não só na telinha mas também na vida real.

São iniciativas que são impulsionadas e baseiam-se na lógica competitiva do mercado, onde a busca coletiva de uma sociedade feliz e igualitária é considerada uma utopia de sonhadores e aventureiros.

Novos problemas e maiores exigências para o combate ao racismo estão colocados, como avaliamos e analisamos em nosso 5º Encontro Nacional de Negros e Negras do PT, realizado em agosto deste ano.

Ao movimento negro, felizmente ainda hegemônico pelo setor combativo do qual os militantes antirracistas do PT são parte, cabe tomar para si o fato de ter conseguido tornar relevante o debate sobre a diversidade e o enfrentamento das desigualdades e, ao mesmo tempo, radicalizar suas ações. É necessário ampliar a consciência de que o combate ao racismo continua sendo uma tarefa difícil, mas necessária para diminuirmos as



FUNDAÇÃO

Perseu Abramo

Partido dos Trabalhadores

Centro  
**Sérgio  
Buarque  
de Holanda**  
de Documentação e  
História Política

desigualdades entre os indivíduos pertencentes a diferentes etnias que compõem o nosso país.

O que está em disputa é a consciência negra sobre qual tipo de democracia estamos vivendo e sobre qual é a sociedade que queremos e estamos construindo, sem hipocrisia, sem opressão e livre dos valores que dão sustentação ao racismo. Não tenhamos ilusão - nada ocorrerá de maneira suave ou cordial, mas sim por meio de grandes e estruturais transformações da sociedade brasileira.

*Flávio Jorge R. da Silva*

*[No contexto, Secretário Nacional de Combate ao Racismo do PT]*

**Fonte:** *PT Notícias*, edição nº 55, 25 de novembro a 1 de dezembro de 1997. Acervo CSBH/FPA.

Disponível em:

[https://siac.fpabramo.org.br/uploads/acervo/J\\_PT\\_NOTICIAS\\_1997\\_0055.pdf](https://siac.fpabramo.org.br/uploads/acervo/J_PT_NOTICIAS_1997_0055.pdf)



## j) II ENEN - ENCONTRO NACIONAL DE ENTIDADES NEGRAS

**II ENEN – Encontro Nacional de Entidades Negras**

Passados quase oito anos do I Enen, com a participação de cerca de trezentos delegados, convidados e observadores, representando vinte Estados do país, a Coordenação Nacional de Entidades Negras - Conen, realizou, dos dias 8 a 11 de outubro, na cidade do Rio de Janeiro, o II Enen - Encontro Nacional de Entidades Negras.

O I Enen, realizado entre os dias 14 e 17 de Novembro de 1991, em São Paulo, significou a expressão e síntese de uma estratégia utilizada pelo movimento negro contemporâneo, dos últimos 30 anos: a de denúncia da situação de desigualdade e exclusão da população negra da vida política, econômica e cultural do país.

Os debates e conclusões do I Enen apontaram para a não presença do negro nos setores mais organizados da classe trabalhadora, dada a sua participação marginal no processo de produção, a precariedade dos setores organizados na "unidade da classe trabalhadora" em detrimento das questões específicas inerentes à sua condição por fim, a ideologia da democracia racial superada por diversas segmentos sociais, conservadora e progressista, que apontavam durante muito tempo a consciência e a visibilidade do que seja o negro no Brasil.

Permitiram, também, o início de uma discussão sobre a necessidade da construção de um projeto político global de combate ao racismo, tratando a questão racial enquanto um eixo grande impulso ocupacional e social, subordinado num projeto alternativo de Brasil.

O II Enen, além de buscar a consolidação e legitimidade da construção nacional de uma complexa e articulada estrutura política organizativa de "entidades e grupos de massa negra que incluem a objetivos específicos de combate ao racismo e/ou expressar valores culturais de matrizes africanas, e que não tenham vínculo com as estruturas governamentais ou "paritárias", avança no debate sobre o projeto político iniciado no I Enen.

Este avanço podemos constatar nos encontros de articulação (relação e parceria política, mulheres negras, sindicalistas negros, comunidades negras rurais, juventude negra, operadores de direito, pré-vestibular para negros, organizações negras, universitários negros, religiosos afro-brasileiros) e nos encontros temáticos dos seguintes grupos de trabalho: Estado, poder e participação política da população negra do Brasil, Cultura, Identidade e Consciência Racial, Comunidades negras rurais e o problema da terra no Brasil, Saúde e sexualidade da

população negra brasileira; Desenvolvimento econômico e qualidade de vida da população negra no Brasil; Desenvolvimento econômico, trabalho e geração de renda; Direitos Humanos e relações raciais no Brasil; Educação e pedagogia inter-raciais; Políticas Públicas e de ações afirmativas no Brasil.

Um exemplo mais produtivo Encontro realizado com o tema "300 anos de racismo em tempos de globalização e exclusão social", que finalizou com a aprovação de um plano de lutas e do "Manifesto do Rio de Janeiro", que a partir de uma leitura da conjuntura internacional e nacional da realidade das populações e dos movimentos sociais negros, foi formulada, com o seguinte teor político:

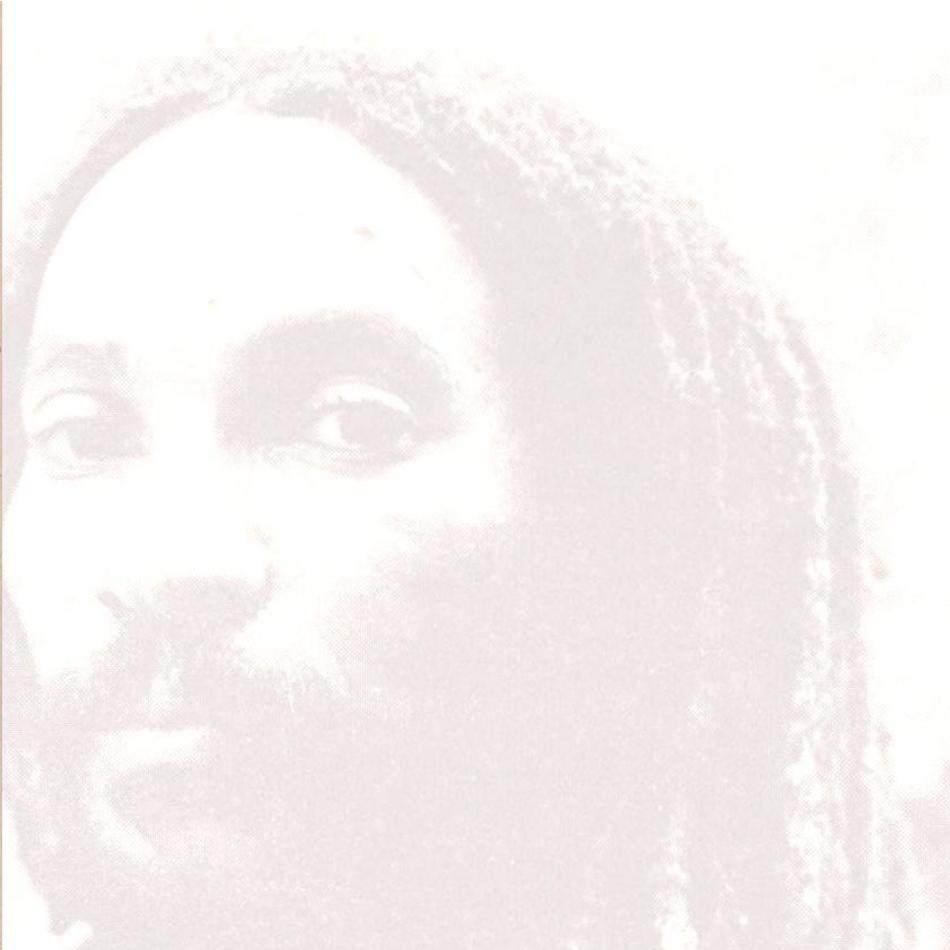
"... Nesse sentido, o combate ao racismo está associado à luta contra o capitalismo. A democratização do poder, a distribuição de renda e a questão da terra tornam-se eixos que devem orientar a nossa mobilização e organização. É impossível pensar a superação do racismo sem que essas condições sejam garantidas para todos.

Só por isso, o racismo implícito, antes de tudo, garante condições iguais e dignas de vida para todos, visando superar as desigualdades de raça, classe e gênero. Implica na redistribuição radical das riquezas e dos recursos públicos e inclui a política de atendimento às demandas sociais. Em uma política pública que priorize os setores menos favorecidos.

Especificamente quando tratarmos alta grau de pobreza, de discriminação racial ou de gênero, na perspectiva de atingir a qualidade de condições sociais, implica construir um projeto político onde a igualdade social e a paridade racial sejam os eixos centrais.

O II Enen aprovou, também, um novo formato para a composição da direção da Conen, que terá como tarefa encabeçar as decisões do Encontro, fortalecer a estruturação dos Fóruns Estaduais de Entidades Negras, implementar a criação das Comissões Estaduais de Movimento de Resistência Indígena, Negra e Popular - Brasil; Outros 500 e organizar o Congresso Nacional de Entidades Negras para o ano de 2001.

Plínio Jorge Rodrigues da Silva é economista nacional do Combate ao Racismo do PT



Passados quase oito anos do I Enen, com a participação de cerca de trezentos delegados, convidados e observadores, representando vinte Estados do país, a Coordenação Nacional de Entidades Negras - Conen, realizou, dos dias 8 a 11 de outubro, na cidade do Rio de Janeiro, o II Enen - Encontro Nacional de Entidades Negras.

O I Enen, realizado entre os dias 14 e 17 de Novembro de 1991, em São Paulo, significou a expressão e síntese de uma estratégia utilizada pelo movimento negro contemporâneo, dos últimos 30 anos: a de denúncia da situação de desigualdade e exclusão da população negra da vida política, econômica e cultural do país.

Os debates e conclusões do I Enen apontaram para a não presença do negro nos setores mais organizados da classe trabalhadora, dada a sua participação marginal no



processo de produção; a prioridade dos setores organizados na “unidade da classe trabalhadora” em detrimento das questões específicas inerentes à sua composição; por fim, a ideologia da democracia racial incorporada por diversos segmentos sociais, conservadores e progressistas, que anestesiou durante muito tempo a consciência e a visibilidade do que seja o negro no Brasil.

Permitiram, também, o início de uma discussão sobre a necessidade da construção de um projeto político global de combate ao racismo, trazendo a questão racial enquanto um dos grandes impasses nacionais a serem solucionados num projeto alternativo de Brasil.

O II Enen, além de buscar a consolidação e legitimidade da construção nacional de uma complexa e articulada estrutura política organizativa de “entidades e grupos de maioria negra que tenham o objetivo específico de combate ao racismo e/ou expressar valores culturais de matrizes africanas, e que não tenham vínculos com as estruturas governamentais ou partidárias”, avançou no debate sobre o projeto político iniciado no I Enen.

Este avanço pudemos constatar nos encontros de articulações (relações e parcerias políticas, mulheres negras, sindicalistas negros, comunidades negras rurais, juventude negra, operadores de direito, pré-vestibular para negros, empresários negros, universitários negros, religiões afro-brasileiras) e nas exposições temáticas dos seguintes grupos de trabalho: Estado, poder e participação política da população negra do Brasil; Cultura, Identidade e Consciência Racial; Comunidades negras rurais e o problema da terra no Brasil; Saúde e sexualidade da população negra brasileira; Desenvolvimento sustentável e qualidade de vida da população negra no Brasil; Desenvolvimento econômico, trabalho e geração de renda; Direitos humanos e relações raciais no Brasil; Diáspora hoje: relações internacionais e globalização; O Estágio das pesquisas sobre a questão racial e os movimentos sociais negros no Brasil; Educação e pedagogia interétnica; Políticas Públicas e de ações afirmativas no Brasil.

Um exaustivo mas produtivo Encontro realizado com o tema “500 anos de racismo em tempos de globalização e exclusão social”, que finalizou com a aprovação de um plano de lutas e do “Manifesto do Rio de Janeiro”, que a partir de uma leitura da conjuntura internacional e nacional da realidade das populações e dos movimentos sociais negros, foi formulado com o seguinte norte político:



"... Nesse cenário, o combate ao racismo está associado à luta contra o capitalismo. A democratização do poder, a distribuição de renda e a questão da terra tornam-se eixos que devem orientar a nossa mobilização e organização. É impossível pensar a superação do racismo sem que essas condições sejam garantidas para todos.

Superar o racismo implica, antes de tudo, garantir condições iguais e dignas de vida para todos, visando superar as desigualdades de raça, classe e gênero. Implica na redistribuição radical das riquezas e dos gastos públicos para as políticas de atendimento às demandas sociais. Em uma política pública que priorize os setores menos favorecidos, principalmente quando sintetizam alto grau de pobreza, de discriminação racial ou de gênero, na perspectiva de atingir a igualdade de condições sociais.

Implica construir um projeto político onde a igualdade social e a pluralidade racial sejam os pontos centrais.

O II Enem aprovou, também, um novo formato para a composição da direção da Conen, que terá como tarefa encaminhar as decisões do Encontro, fortalecer a estruturação dos Fóruns Estaduais de Entidades Negras, implementar a criação dos Comitês Estaduais do Movimento de Resistência Indígena, Negra e Popular - Brasil: Outros 500 e organizar o Congresso Nacional de Entidades Negras para o ano de 2001.

*Flávio Jorge Rodrigues da Silva*

*[No contexto, Secretário nacional de Combate ao racismo do PT]*

**Fonte:** *PT Notícias*, edição nº 86, 4 a 17 de novembro de 1999. Acervo CSBH/FPA.  
Disponível em:

[https://siac.fpabramo.org.br/uploads/acervo/J\\_PT\\_NOTICIAS\\_1999\\_0086.pdf](https://siac.fpabramo.org.br/uploads/acervo/J_PT_NOTICIAS_1999_0086.pdf)





perversa que começou com a chegada de Pedro Álvares Cabral e suas caravelas no extremo sul da Bahia, em 22 de abril de 1500.

O invasor, na certeza de sua pretensa superioridade étnica e cultural e em busca de meios que tornassem sua vida mais fácil, escravizou primeiro um povo, os indígenas, que já habitavam estas terras. Em seguida voltou seus olhos para os povos que habitavam um outro Continente, o africano; uma base territorial para o suprimento do trabalho escravo no Brasil. Esta dupla exploração expropriou e destruiu quase que totalmente grandes civilizações indígenas. De forma cruel e sistemática se utilizou da força de trabalho dos africanos escravizados. Garantiu ao invasor poder político e econômico que se estabeleceu em nosso país a partir de 1500 e influenciou não só o futuro dos povos indígenas e negros mas do Brasil, durante os 500 anos seguintes.

Procurando mostrar este outro lado da história do “descobrimento”, nos organizamos no Movimento de Resistência Indígena, Negra e Popular - Brasil: Outros 500, para nos contrapormos a grande festa que estava sendo planejada. A data maior da grande festa chegou: o dia 22 de abril de 2000, na cidade de Porto Seguro, no Estado da Bahia. Ela era para poucos! Organizados no Movimento de Resistência Indígena, Negra e Popular, mesmo com as dificuldades de se articular, por problemas financeiros e de convivência de diferentes movimentos, grupos e entidades, de vários Estados e cidades do país, jovens, mulheres, negros, indígenas, sindicalistas, sem-tetos e sem terras, aos milhares, em caravanas também se dirigiram para Porto Seguro e Cabrália para, por meio de conferências, caminhadas e diversas proposições de atividades, questionarmos a comemoração oficial.

O que lá aconteceu foi contado pelos meios de comunicação que, talvez, envergonhados com o que viram, mostraram para o Brasil e o mundo os fatos ocorridos no sul da Bahia. A partir dos parâmetros de segurança estabelecidos pelo governo federal para as comemorações oficiais e executados pelo governo da Bahia, um forte esquema policial foi montado nas estradas para barrar as caravanas dos Estados. Em Porto Seguro e Cabrália, índios, negros, jovens, sindicalistas, sem tetos, sem terras, parlamentares foram recebidos com cacetetes, bombas e muita violência da polícia baiana. Foram muitos os feridos e cerca de 140 pessoas foram presas. Nenhuma novidade: já vivenciamos fatos como esses durante os 500 anos que a oficialidade pretendia comemorar. A festa dos



milhões que o governo federal pretendia realizar foi um fracasso e a farsa dos 500 anos foi desmascarada!

Os militantes do Movimento de Resistência Indígena, Negra e Popular cansados mas orgulhosos voltaram para suas casas. Atingimos o nosso objetivo, como afirmou a nossa senadora Marina Silva em um brilhante pronunciamento no Senado, após os episódios no sul da Bahia: "... mostrar um outro Brasil. O Brasil por dentro. O Brasil de uma caravela que navega e que, um dia, chegará a um porto seguro. Não o porto seguro das oligarquias e das elites brasileiras; o porto seguro que os índios, os negros e os brancos, homens de boa vontade, hão de construir ...".

A participação da militância negra do PT Grande parte da militância negra que participou do Movimento de Resistência Indígena, Negra e Popular - Brasil: Outros 500 é filiada ou simpatizante do Partido dos Trabalhadores. É parte da história de um povo que tem demonstrado um vigor e uma capacidade heróica para desafiar e derrotar as políticas para seu extermínio implementadas pelas elites brancas.

Uma história na qual foram utilizados inúmeros instrumentos e formas de luta e hoje, como continuidade da tradição de rebeldia e insubmissão iniciadas nos quilombos, volta a emergir como sujeito político, rompendo o véu e destruindo a invisibilidade que as elites brasileiras tentaram inutilmente impor ao povo negro.

No Partido dos Trabalhadores, a partir da compreensão de que o racismo não é unicamente um problema dos negros e negras mas sim de toda a sociedade brasileira, desde sua fundação começamos a olhar a prática partidária como mais um caminho na luta anti-racismo.

Nestes 21 anos de PT, além dos 500 anos, em vários outros momentos nossa intervenção foi marcante. Em 1988, por ocasião do Centenário da Abolição, o sempre presente mestre e companheiro Florestan Fernandes afirmava que "... No PT não podemos manter as posturas das comemorações oficiais. Porém, também não podemos fazer a celebração proletária da abolição. Esta implica em transcender à ordem existente, destruí-la, criar uma nova ordem social, libertária e igualitária. Não é suficiente, pois, dizer não às comemorações oficiais, desmascará-las. É necessário refletir a fundo sobre a realidade atual e propor ao PT que ele dê as mãos aos negros e a todos que exigem uma abolição que se atrasou historicamente e deve ser feita dentro do capitalismo, contra ele, ainda na era atual".



Esta afirmação faz parte de um texto publicado por Florestan Fernandes na revista Teoria & Debate, número 2, março/1988. Contribuiu para uma reflexão sobre a importância da intervenção da militância negra naquela data, que teve como consequência uma ampliação da nossa organização e mobilização; interferiu no debate proposto pela oficialidade e pela academia; obrigou o PT a se posicionar sobre o centenário, na forma proposta por Florestan e pelo movimento negro brasileiro.

Em 1995, a festa foi nossa! Com a comemoração do tricentenário da imortalidade de Zumbi dos Palmares, destacou-se um vigoroso ingresso da temática racial no espaço público nacional e internacional. Nunca se discutiu tanto a questão racial. Realizamos uma das mais importantes atividades do movimento negro contemporâneo: a Marcha contra o Racismo, pela Igualdade e pela Vida, que reuniu em Brasília, no dia 20 de novembro, cerca de 30 mil militantes de todo o país. O PT conferiu ao seu 10º Encontro Nacional o caráter de homenagem aos 300 anos da imortalidade de Zumbi dos Palmares. Neste ano conseguimos aprovar a criação da Secretaria Nacional de Combate ao Racismo do PT.

Para além destes momentos, no cotidiano de nossa presença partidária, temos procurado ao longo destes 21 anos comprometer o Partido dos Trabalhadores com a transformação das condições de trabalho e de vida da população negra e com o fortalecimento da luta contra o racismo, em nosso país e em todo o mundo.

Temos a compreensão de que os êxitos conseguidos são mais por conta da capacidade de intervenção e articulação dos negros e negras do PT, do que pelo entendimento do conjunto da militância partidária de que a questão racial negra é fundamental para a compreensão e transformação da sociedade brasileira.

Superar esta compreensão é o principal desafio do PT daqui para a frente. É necessário que o PT por inteiro, e não apenas a sua militância negra, entenda a absoluta impossibilidade de transformações estruturais na sociedade brasileira sem o tratamento devido da questão racial. Que é impossível a construção da cidadania do povo negro nos limites da sociedade atual. E que o combate ao racismo é estratégico seja na construção de um novo modelo de desenvolvimento, como para pensarmos uma sociedade futura, um outro Brasil, multirracial, plural, democrático e socialista.

Parabéns a militância negra, aos companheiros e companheiras do PT, pelos nossos 21 anos de luta!



FUNDAÇÃO

Perseu Abramo

Partido dos Trabalhadores

Centro  
**Sérgio  
Buarque  
de Holanda**  
de Documentação e  
História Política

**Carlos Porto**

*[No contexto, Secretário Nacional de Combate ao Racismo do PT]*

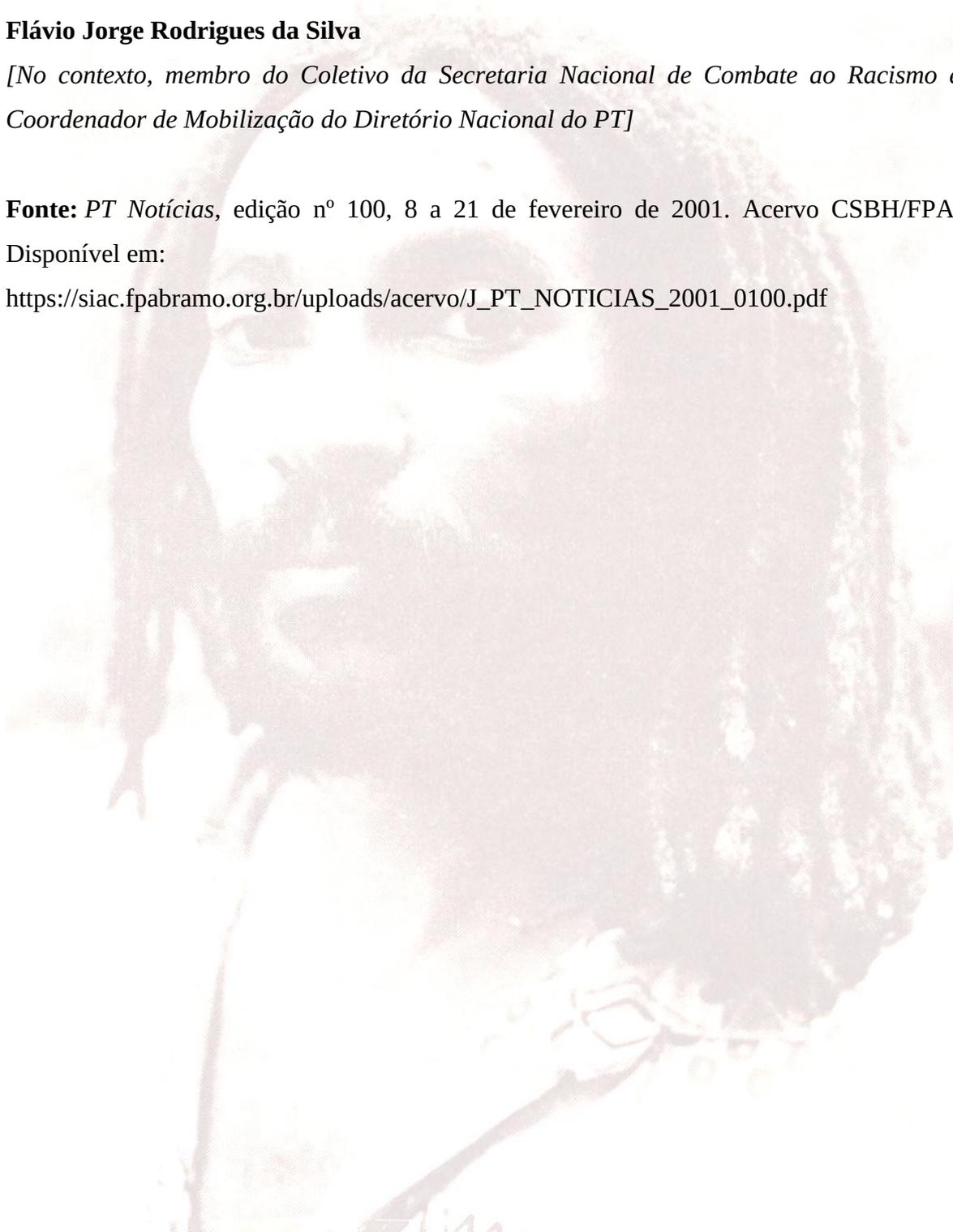
**Flávio Jorge Rodrigues da Silva**

*[No contexto, membro do Coletivo da Secretaria Nacional de Combate ao Racismo e Coordenador de Mobilização do Diretório Nacional do PT]*

**Fonte:** *PT Notícias*, edição nº 100, 8 a 21 de fevereiro de 2001. Acervo CSBH/FPA.

Disponível em:

[https://siac.fpabramo.org.br/uploads/acervo/J\\_PT\\_NOTICIAS\\_2001\\_0100.pdf](https://siac.fpabramo.org.br/uploads/acervo/J_PT_NOTICIAS_2001_0100.pdf)





## 1) FORTALECER OS SETORIAIS



**Fortalecer os Setoriais**

**Ainda como parte do PED estão em curso a realização dos Encontros Setoriais. Nos dias 1 e 2 de outubro foram realizados em vários Estados os Encontros Setoriais Estaduais. Nos dias 29 e 30 de outubro serão realizados os Encontros Nacionais Setoriais**

"A ideia do Partido dos Trabalhadores surgiu com o avanço e o fortalecimento desse novo e amplo movimento social que, hoje, se estende das fábricas aos bairros; dos sindicatos às comunidades eclesiais de base; dos movimentos contra a carestia às associações de moradores; do movimento estudantil e de intelectuais às associações profissionais; do movimento dos negros ao movimento das mulheres; e ainda outros, como os que lutam pelos direitos das populações indígenas".

"Surgiu, portanto, como uma necessidade de criar um efetivo canal de expressão política e partidária dos trabalhadores das cidades e dos campos e de todos os setores explorados pelo capitalismo; construir uma organização política dos militantes dos variados movimentos sociais, que são frequentemente fragmentados pelas suas próprias diferenças internas e por luta reivindicatória que nem sempre alcança a expressão de política de que são capazes".

Esse texto faz parte da Declaração Política da Comissão Coordenadora Provisória do Movimento pelo PT, divulgada em 13 de outubro de 1979, com o objetivo de contribuir para a ampliação dos debates para criação do nosso Partido junto aos movimentos populares.

Continua muito atual. Poderia fazer parte de qualquer uma das teses que recentemente participaram do Processo de Eleições Diretas (PED) que renovaram nossas direções Municipais, Estaduais e Nacionais.

Todas essas teses, embora com diferentes visões sobre o futuro de nosso Partido diante da maior crise nos seus 25 anos de existência, têm uma concordância: o papel principal dessas lutas e movimentos, que influenciaram a origem do PT, foi o de impulsionar uma nova cultura política com base na participação democrática que propiciou

o surgimento de movimentos sociais com capacidade de operar às suas demandas e reivindicações.

Essa nova cultura política apontou a perspectiva de um projeto alternativo de poder para a sociedade brasileira, que pressupunha a construção de um país soberano, democrático e com justiça social. Essa perspectiva, para muitos que participaram dessas lutas e movimentos, foi a construção do PT.

Ainda como parte do PED estão em curso a realização dos Encontros Setoriais. Nos dias 1 e 2 de outubro foram realizados em vários Estados os Encontros Setoriais Estaduais. Nos dias 29 e 30 de outubro serão realizados os Encontros Nacionais Setoriais.

No momento em que estamos debatendo a recriação, refundação, reestruturação e a reorganização de nosso Partido, é importante que os delegados e delegadas que estão participando desses Encontros, para além das disputas das direções dos Setoriais, estejam atentos para alguns dos consensos da Conferência Nacional O PT e os Movimentos Sociais, realizada em 15 de maio de 2005 pelo Diretório Nacional, em parceria com a Fundação Perseu Abramo, coordenada pelas Secretarias Setoriais Nacionais.

Nesse momento em que debatemos a crise política do PT, compreendemos não ser possível voltarmos às origens que o construíram. Entretanto é possível manter as relações e as bases sociais e políticas que são a garantia da existência de nosso Partido que, como indicaram os números do PED, continua vivo e forte. Fortalecer os Setoriais é um caminho para que isso aconteça.

**Setoriais**



Flávio Jorge Rodrigues da Silva, diretor da Fundação Perseu Abramo e membro do Diretório Nacional do PT

Foto: Spive Mazov (PTN)

9

*Ainda como parte do PED estão em curso a realização dos Encontros Setoriais. Nos dias 1 e 2 de outubro foram realizados em vários Estados os Encontros Setoriais Estaduais. Nos dias 29 e 30 de outubro serão realizados os Encontros Nacionais Setoriais*

"A ideia do Partido dos Trabalhadores surgiu com o avanço e o fortalecimento desse novo e amplo movimento social que, hoje, se estende das fábricas aos bairros; dos sindicatos às comunidades eclesiais de base; dos movimentos contra a carestia às associações de moradores; do movimento estudantil e de intelectuais às associações profissionais; do movimento dos negros ao movimento das mulheres; e ainda outros, como os que lutam pelos direitos das populações indígenas".

"Surgiu, portanto, como uma necessidade de criar um efetivo canal de expressão política e partidária dos trabalhadores das cidades e dos campos e de todos os setores explorados pelo capitalismo; construir uma organização política dos militantes dos



variados movimentos sociais, que são frequentemente fragmentados pelas suas próprias diferenças internas e por luta reivindicatória que nem sempre alcança a expressão de política de que são capazes."

Esse texto faz parte da Declaração Política da Comissão Coordenadora Provisória do Movimento pelo PT, divulgada em 13 de outubro de 1979, com o objetivo de contribuir para a ampliação dos debates para criação do nosso Partido junto aos movimentos populares.

Continua muito atual. Poderia fazer parte de qualquer uma das teses que recentemente participaram do Processo de Eleições Diretas (PED) que renovaram nossas direções Municipais, Estaduais e Nacional.

Todas essas teses, embora com diferentes visões sobre o futuro de nosso Partido diante da maior crise nos seus 25 anos de existência, têm uma concordância: o papel principal dessas lutas e movimentos, que influenciaram a origem do PT, foi o de impulsionar uma nova cultura política com base na participação democrática que propiciou o surgimento de movimentos sociais com capacidade de operar às suas demandas e reivindicações.

Essa nova cultura política apontou a perspectiva de um projeto alternativo de poder para a sociedade brasileira, que pressupunha a construção de um país soberano, democrático e com justiça social. Essa perspectiva, para muitos que participaram dessas lutas e movimentos, foi a construção do PT.

Ainda como parte do PED estão em curso a realização dos Encontros Setoriais. Nos dias 1 e 2 de outubro foram realizados em vários Estados os Encontros Setoriais Estaduais. Nos dias 29 e 30 de outubro serão realizados os Encontros Nacionais Setoriais.

No momento em que estamos debatendo a recriação, refundação, reestruturação e a reorganização de nosso Partido, é importante que os delegados e delegadas que estão participando desses Encontros, para além das disputas das direções dos Setoriais, estejam atentos para alguns dos consensos da Conferência Nacional *O PT e os Movimentos Sociais*, realizada em 15 de maio de 2005 pelo Diretório Nacional, em parceria com a Fundação Perseu Abramo, coordenada pelas Secretarias Setoriais Nacionais.

Nesse momento em que debatemos a crise política do PT, compreendemos não ser possível voltarmos às origens que o construíram. Entretanto é possível manter as relações e as bases sociais e políticas que são a garantia da existência de nosso Partido que, como



FUNDAÇÃO

Perseu Abramo

Partido dos Trabalhadores

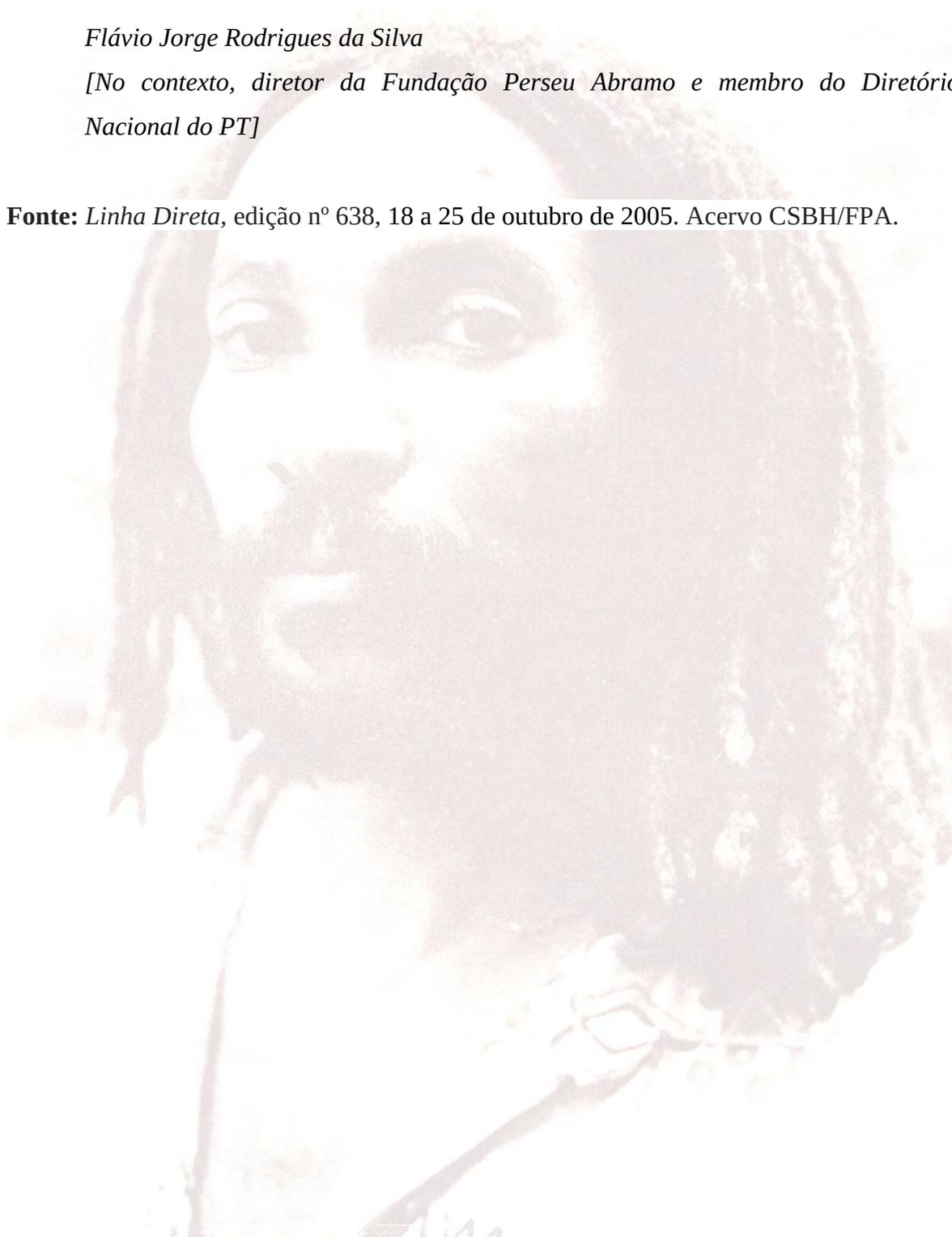
Centro  
**Sérgio  
Buarque  
de Holanda**  
de Documentação e  
História Política

indicaram os números do PED, continua vivo e forte. Fortalecer os Setoriais é um caminho para que isso aconteça.

*Flávio Jorge Rodrigues da Silva*

*[No contexto, diretor da Fundação Perseu Abramo e membro do Diretório Nacional do PT]*

**Fonte:** *Linha Direta*, edição nº 638, 18 a 25 de outubro de 2005. Acervo CSBH/FPA.





## m) NOVOS ATORES E ATRIZES: A JUVENTUDE NEGRA DO PT



APRESENTAÇÃO

### NOVOS ATORES E ATRIZES: A JUVENTUDE NEGRA DO PT.

*"O PT manifesta-se solidário com os movimentos de defesa dos demais setores oprimidos, entendendo que respeitar as culturas e as raças significa ajudar a acabar com as discriminações em todos os planos, sobretudo no econômico. Neste particular, a luta pela defesa da cultura e das terras indígenas, bem como a questão do negro, assume papel relevante. O PT considera que as discriminações não são questões secundárias, como não é secundário o problema da mulher trabalhadora segregada na fábrica, no campo e, não raro, também no lar. O PT lutará pela superação destes problemas com o mesmo empenho com que luta contra qualquer forma de opressão. Sem isto, a democracia será palavra vazia para os trabalhadores, marginalizados social e politicamente, de ambos os sexos e de qualquer raça e cultura".*

Esse texto faz parte do Programa aprovado na reunião nacional de Fundação do PT realizada no dia 1º de Junho de 1980, em São Paulo.

Foi uma das primeiras intervenções de uma militância, composta em sua maioria de jovens, homens e mulheres, que construiu um movimento hoje identificado como movimento negro contemporâneo, compreendido como um conjunto de grupos e organizações que desenvolvem a luta e o combate ao racismo a partir da década de 70.

### CA. JUVENTUDE! JUVENTUDE NEGRA DO PT EM MOVIMENTO

Esta militância que fez uma opção partidária de contribuir e participar da fundação do PT, já afirmava, naquele importante momento, que um projeto alternativo de poder não poderia ser construído sem a compreensão de que um ideário transformador supõe a eliminação de todo e qualquer tipo de opressão. E que o racismo praticado contra os negros e contra as negras ao longo de nossa história tem sido um dos principais aspectos das contradições existentes entre a sociedade e o Estado no Brasil.

Quase 30 anos depois, podemos afirmar que estas preocupações obtiveram êxito. São uma expressão desta constatação este conjunto de textos que apresentamos a seguir, oriundos da maior parte dos painéis apresentados e debatidos por expositores e participantes do seminário de formação em que foi criada a JN13, a Juventude Negra do PT, em fevereiro de 2008. No mesmo ano, este grupo se torna a outros do movimento negro e de juventudes de forma geral em atuação importante no cenário das políticas públicas de juventude do Brasil. Um dos pontos altos foi a presença na I Conferência Nacional de Juventude, espaço em que o combate ao genocídio da população jovem negra surgiu como a mais votada proposta de prioridade para as políticas de juventude no Brasil.

Não por acaso, este tema também foi um dos abordados no seminário que deu origem a esta publicação, apresentada aqui como um primeiro registro deste processo de organização da JN13<sup>1</sup>, no contexto de um novo momento também de organização da Juventude do PT como um todo. Contribuições importantes trazidas ao seminário não puderam ser reunidas nesta etapa, mas certamente serão em uma próxima. Elas seguem de toda forma presentes em diferentes espaços para embasar as ações da juventude negra e suas bandeiras de luta. Agradecemos assim aos professores e militantes Walter Silvério, Batista, Márcia Cabral, Anderson da Silva, Cristina Batista e Rafael Pinto, por terem compartilhado seus conhecimentos e inquietações com o grupo da JN13 que participou do seminário de 2008. E também agradecemos aos autores e às autoras dos textos que apresentamos a seguir, pela contribuição ao registro de um novo capítulo para a história do partido e de sua militância jovem negra e não negra.

Convidamos os leitores e as leitoras, jovens e não jovens, a conhecer o que trazem: Claudete Gomes Soares que, a partir de sua exposição no painel "O PT e a questão racial", elaborou o texto "Raça, classe e cidadania no Partido dos Trabalhadores: uma análise dos anos 1980 e 1990". Claudete descreve a evolução do debate e da compreensão da temática racial nas instâncias de elaboração e decisão das diretrizes políticas do PT.

Sonia Leite, com o texto "Da Escravidão para a Organização", e Larissa Borges, autora de "Uma perspectiva jovem sobre o Feminismo Negro", ao lado de Claudete, destacam a participação e a luta das mulheres negras no Brasil desde a escravidão até os dias atuais. Indicam, com isso, que ao incorporar o direito à diferença à concepção da luta de classes, o PT consegue trazer a seu programa e ação política a importância das relações de classe, gênero e raça, apesar de muitas dificuldades e incompreensões. São estas as três formas de opressão que, combinadas, sustentam a opressão, o preconceito, a discriminação e o racismo, típicos da sociedade capitalista brasileira.

1. A Juventude Negra que desde a realização do ENJUNE II Encontro Nacional da Juventude Negra, em 2007, vem se organizando para atuar junto às instâncias de direção do Partido dos Trabalhadores em âmbito municipal, estadual e nacional.

Já Maria Palmira, que participou do painel com o tema "Povo Negro e Capitalismo – discutindo raça e classe", apresenta elementos e pressupostos teóricos que nos fazem avançar na compreensão sobre como o Brasil consolidou, ao longo de seus mais de 500 anos de existência, a dominação de uma classe a partir das desigualdades sociais, raciais e de gênero. Palmira aponta que são estas as desigualdades que excluem uma grande parte da população de nosso país, principalmente a negra, de seu desenvolvimento e de suas riquezas. Demonstra também como tudo isto dificulta as condições de vida da juventude negra em nosso tempo.

*"O PT manifesta-se solidário com os movimentos de defesa dos demais setores oprimidos, entendendo que respeitar as culturas e as raças significa ajudar a acabar com as discriminações em todos os planos, sobretudo no econômico. Neste particular, a luta pela defesa da cultura e das terras indígenas, bem como a questão do negro, assume papel relevante. O PT considera que as discriminações não são questões secundárias, como não é secundário o problema da mulher trabalhadora segregada na fábrica, no campo e, não raro, também no lar. O PT lutará pela superação destes problemas com o mesmo empenho com que luta contra qualquer forma de opressão. Sem isto, a democracia será palavra vazia para os trabalhadores, marginalizados social e politicamente, de ambos os sexos e de qualquer raça e cultura"*

Esse texto faz parte do Programa aprovado na reunião nacional de Fundação do PT realizada no dia 1º de Junho de 1980, em São Paulo.



Foi uma das primeiras intervenções de uma militância, composta em sua maioria de jovens, homens e mulheres, que construía um movimento hoje identificado como movimento negro contemporâneo, compreendido como um conjunto de grupos e organizações que desenvolvem a luta e o combate ao racismo a partir da década de 70.

Esta militância que fez uma opção partidária de contribuir e participar da fundação do PT, já afirmava, naquele importante momento, que um projeto alternativo de poder não poderia ser construído sem a compreensão de que um ideário transformador supõe a eliminação de todo e qualquer tipo de opressão. E que o racismo praticado contra os negros e contra as negras ao longo de nossa história tem sido um dos principais aspectos das contradições existentes entre a sociedade e o Estado no Brasil.

Quase 30 anos depois, podemos afirmar que estas preocupações obtiveram êxito. São uma expressão desta constatação este conjunto de textos que apresentamos a seguir, oriundos da maior parte dos painéis apresentados e debatidos por expositores e participantes do seminário de formação em que foi criada a JN13, a Juventude Negra do PT, em fevereiro de 2008. No mesmo ano, este grupo se soma a outros do movimento negro e de juventudes de forma geral em atuação importante no cenário das políticas públicas de juventude do Brasil. Um dos pontos altos foi a presença na I Conferência Nacional de Juventude, espaço em que o combate ao genocídio da população jovem negra surgiu como a mais votada proposta de prioridade para as políticas de juventude no Brasil.

Não por acaso, este tema também foi um dos abordados no seminário que deu origem a esta publicação, apresentada aqui como um primeiro registro deste processo de organização da JN13, no contexto de um novo momento também de organização da Juventude do PT como um todo. Contribuições importantes trazidas ao seminário não puderam ser reunidas nesta etapa, mas certamente serão em uma próxima. Elas seguem de toda forma presentes em diferentes espaços para embasar as ações da juventude negra e suas bandeiras de luta. Agradecemos assim aos professores e militantes Walter Silvério, Batista, Márcia Cabral, Anderson da Silva, Cristina Batista e Rafael Pinto, por terem compartilhado seus conhecimentos e inquietações com o grupo da JN13 que participou do seminário de 2008. E também agradecemos aos autores e às autoras dos textos que apresentamos a seguir, pela contribuição ao registro de um novo capítulo para a história do partido e de sua militância jovem negra e não negra.



Convidamos os leitores e as leitoras, jovens e não jovens, a conhecer o que trazem: Claudete Gomes Soares que, a partir de sua exposição no painel "0 PT e a questão racial", elaborou o texto "Raça, classe e cidadania no Partido dos Trabalhadores: uma análise dos anos 1980 e 1990". Claudete descreve a evolução do debate e da compreensão da temática racial nas instâncias de elaboração e decisão das diretrizes políticas do PT.

Sonia Leite, com o texto "Da Escravidão para a Organização", e Larissa Borges, autora de "Uma perspectiva jovem sobre o Feminismo Negro", ao lado de Claudete, destacam a participação e a luta das mulheres negras no Brasil desde a escravidão até os dias atuais. Indicam, com isso, que ao incorporar o direito à diferença à concepção da luta de classes, o PT consegue trazer a seu programa e ação política a importância das relações de classe, gênero e raça, apesar de muitas dificuldades e incompreensões. São estas as três formas de opressão que, combinadas, sustentam a opressão, o preconceito, a discriminação e o racismo, típicos da sociedade capitalista brasileira.

Já Maria Palmira, que participou do painel com o tema "Povo Negro e Capitalismo - discutindo raça e classe", apresenta elementos e pressupostos teóricos que nos fazem avançar na compreensão sobre como o Brasil consolidou, ao longo de seus mais de 500 anos de existência, a dominação de uma classe a partir das desigualdades sociais, raciais e de gênero. Palmira aponta que são estas as desigualdades que excluem uma grande parte da população de nosso país, principalmente a negra, de seu desenvolvimento e de suas riquezas. Demonstra também como tudo isto dificulta as condições de vida da juventude negra em nosso tempo.

Daniilo Morais e Mônica Sacramento participaram do painel "Raça, Classe e Condição Juvenil". Os dois jovens pesquisadores dialogam nesta publicação a partir de seus textos com as diferentes formas de expressão da juventude ou das juventudes nesta fase de suas vidas e com os diferentes conceitos e concepções em disputa sobre a juventude no contexto histórico e político atual.

Paulo Ramos, membro da JN 13, escreve "JN 13: que novidade é essa?" e mostra sua visão de como a nova juventude negra do PT se organizou. Fala ainda de sua participação em dois momentos significativos de sua estréia no palco da política de juventude no Brasil: a já citada Conferência Nacional de Juventude, organizada pela Secretaria Nacional de Juventude do Governo Federal, e o Congresso Nacional da Juventude do PT, realizado em maio de 2008, ambos em Brasília.



É importante lembrar que o seminário que deu origem a estes textos foi precedido de outros já realizados pela Secretaria Nacional de Combate ao Racismo do PT, voltados para a militância jovem negra petista: o primeiro foi realizado no ano de 1998, em Belo Horizonte, Minas Gerais; e o segundo e o terceiro, nos anos de 1999 e 2001, respectivamente, realizados no saudoso Instituto Cajamar, um então importante espaço de formação de grande parte das lideranças atuais de movimentos sociais e dirigentes do PT.

Neste mesmo local, onde hoje está estruturada a Cooperinca, realizamos o IV Seminário Nacional da juventude Negra do PT, entre 6 e 10 de Fevereiro de 2008, com objetivos de qualificar politicamente e promover o intercâmbio entre as juventudes negras do PT, além de contribuir para a estruturação da JN13. O seminário foi organizado pelas Secretarias de Combate ao Racismo, de Juventude e de Formação Política do Diretório Nacional do PT, com o apoio da Fundação Perseu Abramo e da Fundação Friedrich Ebert. É importante destacar também que sua realização veio de uma proposta dos próprios jovens negros e negras do PT, que trouxeram às instâncias do partido e às fundações parceiras demandas concretas de formação política e de um espaço para sua organização. Por este motivo, agradecemos a dedicação e o intenso trabalho de Hélen Barcellos, Juliana Borges, Márcio Duarte, Nazaré Cruz, Paulo Ramos e Roque Peixoto, a ‘guerreira’ Comissão Organizadora com que tivemos o prazer de trabalhar e aprender muito juntos.

Esta publicação, que também contou com o esforço destas pessoas para a reunião de seus textos, se junta a outras duas que foram organizadas em um mesmo período pela Fundação Friedrich Ebert em parceria com a Fundação Perseu Abramo e que também são fruto de momentos de debate, reflexão e formação da Juventude do Partido dos Trabalhadores: a Jornada de Formação Política, realizada em agosto de 2007, e o Seminário Nacional de Mulheres Jovens do PT, realizado em abril de 2008.

Representam um esforço destas Fundações em contribuir para a formação da atual geração de militantes do PT e explicitar para o conjunto deste partido e para a sociedade em que está inserido quem são estes jovens, o que demandam as juventudes negra e não negra e qual a sua importância na conformação e transformação do país em que vivemos.

**Fonte:** Êa, *Juventude! Juventude negra do PT em movimento*, 2008. Acervo CSBH/FPA. Disponível:

[https://fpabramo.org.br/csbn/wp-content/uploads/sites/3/2020/11/DOC\\_0002-2.pdf](https://fpabramo.org.br/csbn/wp-content/uploads/sites/3/2020/11/DOC_0002-2.pdf)



## n) RAÇA, CLASSE E GÊNERO: CONHEÇA A REVISTA DA CONEN



### Raça, Classe e Gênero: unidade na diversidade!

Na década de 1990, na luta de combate ao racismo e contra os mecanismos de exclusão da população negra advindos do neoliberalismo e da globalização em curso naquele momento no Brasil e no mundo, surgiu a Coordenação Nacional de Entidades Negras (Conen).

É construída a partir de uma articulação das organizações participantes do I Encontro Nacional de Entidades Negras (Enen), realizado na cidade de São Paulo em novembro do ano de 1991.

O Enen, resultado da realização em anos anteriores de vários encontros regionais de homens e mulheres negras pelo país, o Sul/Sudeste, o Norte/Nordeste, o Centro/Oeste, representou um momento de aglutinação das novas forças atuantes no movimento negro naquele período. Apontou para a necessidade do fortalecimento da luta de combate ao racismo, por meio de orientações políticas mais precisas e planejadas para a atuação das entidades do movimento negro brasileiro.

A Conen fundada em 1991, consolidou-se como uma instância nacional e num espaço de construção da unidade na ação das centenas de entidades negras, presentes em todo o território nacional, que acompanham a sua orientação, respeitando a visão política de cada uma delas, as diferenças regionais e a realidade de vida da população negra onde estão localizadas.

É marcante a presença da Conen no cenário nacional e internacional da luta de combate ao racismo.



A Coordenação Nacional de Entidades Negras (Conen) completou trinta anos em 2021. Nesta revista eletrônica são apresentados alguns textos oriundos do acervo da Soweto Organização Negra, que demonstram a importante trajetória de lutas da Conen por direitos sociais, culturais, econômicos e políticos. Pelo desenvolvimento com promoção da igualdade racial e o combate ao racismo.

No primeiro bloco, são textos que expressam os posicionamentos da Conen nas eleições para a Presidência da República nos períodos de 2002 a 2018. No segundo bloco, lembramos que a denominada Lei de Cotas completa 10 anos, a Lei no. 12 711, de 29 de agosto de 2012, que prevê a reserva de 50% das vagas das Universidades e Instituições Federais de Ensino Superior a estudantes de escolas públicas. Dentro dessa reserva fica estipula regras para destinar vagas aos alunos de baixa renda, pretos, pardos, indígenas e pessoas com deficiência.

Destacamos aqui a participação da Conen na audiência pública sobre a Constitucionalidade das Políticas de Ação Afirmativas de Acesso ao Ensino Superior, realizada pelo Supremo Tribunal Federal (STF), no dia 05 de março de 2010.

No terceiro bloco, rememoramos que após mais de uma década de tramitação, o Estatuto da Igualdade Racial é aprovado pelo Congresso Nacional e sancionado pelo presidente Luiz Inácio Lula da Silva e passou a vigorar a partir do dia 20 de outubro de 2010.

A CONEN esteve presente em muitos dos momentos em que o movimento negro brasileiro se manifestou pela importância da aprovação desse Estatuto para a luta de combate ao racismo e para a democracia em nosso país. Resgatamos nesse bloco alguns desses momentos.

### **Desafios e perspectivas para a luta de combate ao racismo**

A Conen e o movimento negro brasileiro precisam atualizar suas missões políticas para a luta de combate ao racismo.

No cenário de crise sanitária, ambiental, cultural, política e econômica que estamos vivenciando no Brasil e no mundo é preciso ser radical e ir além na avaliação positiva que temos dessa trajetória de lutas apresentadas por esta revista.

Nessa conjuntura em que nos aproximamos de uma importante disputa eleitoral para a Presidência da República no Brasil, de eleição de governos estaduais, da necessária renovação na composição do Congresso Nacional e das Assembleias Legislativas mais do



que defender os legados dos governos Lula e Dilma nas políticas de promoção da igualdade racial para a sociedade e para a população negra brasileira, precisamos de uma agenda que aprofunde o combate ao racismo, à discriminação, ao preconceito e ao genocídio do povo negro. A hora é de lutar, sonhar e almejar o impossível!

Novos anseios econômicos, políticos, culturais, materiais e simbólicos passaram a motivar a participação política da população negra brasileira, principalmente, entre a juventude negra e as mulheres negras.

Nossa população, pela ação de nossos governos, dos nossos vereadores, deputados e senadores, do PT e demais partidos do campo democrático e popular e, principalmente, do movimento negro brasileiro, tem maior acesso à educação e a saúde, à universidade e aos direitos trabalhistas.

Tudo isso impulsionou uma nova agenda política que mescla raça, classe, gênero, no campo e na cidade, e que é impossível de ser atendida por um programa e pela política conservadora e de direita em curso no país.

Nas próximas eleições e no cotidiano de nossas vidas, essa política conservadora e de direita, se não for enfrentada e vencida com muita coragem e luta na sociedade, nos partidos, nos sindicatos, nos movimentos populares, no movimento negro e de mulheres negras, nos movimentos indígenas e quilombolas, de mulheres, LGBTQIA+, de juventudes e outros, significará a ampliação da opressão sofrida por negras e negros no Brasil, onde o racismo além de permanecer pode até mesmo tornar-se mais cruel e violento.

**\*Flávio Jorge Rodrigues da Silva é diretor da Soweto Organização Negra na cidade de São Paulo e da Executiva da Conen.**

**Raça, Classe e Gênero: unidade na diversidade!**

Na década de 1990, na luta de combate ao racismo e contra os mecanismos de exclusão da população negra advindos do neoliberalismo e da globalização em curso naquele momento no Brasil e no mundo, surgiu a Coordenação Nacional de Entidades Negras (Conen).

É construída a partir de uma articulação das organizações participantes do I Encontro Nacional de Entidades Negras (Enen), realizado na cidade de São Paulo em novembro do ano de 1991.



O Enen, resultado da realização em anos anteriores de vários encontros regionais de homens e mulheres negras pelo país, o Sul /Sudeste, o Norte/Nordeste, o Centro/Oeste, representou um momento de aglutinação das novas forças atuantes no movimento negro naquele período. Apontou para a necessidade do fortalecimento da luta de combate ao racismo, por meio de orientações políticas mais precisas e planejadas para a atuação das entidades do movimento negro brasileiro.

A Conen fundada em 1991, consolidou-se como uma instância nacional e num espaço de construção da unidade na ação das centenas de entidades negras, presentes em todo o território nacional, que acompanham a sua orientação, respeitando a visão política de cada uma delas, as diferenças regionais e a realidade de vida da população negra onde estão localizadas.

É marcante a presença da Conen no cenário nacional e internacional da luta de combate ao racismo.

**Fonte:** *Fundação Perseu Abramo (Site)*, edição 15 de fevereiro de 2022

Disponível em:

<https://fpabramo.org.br/2022/02/15/raca-classe-e-genero-conheca-a-revista-da-conen/>